

REFRIGÉRIO

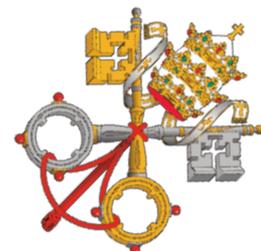
ISSN 2182-617X ANO 32
NÚMERO 172 - JAN/MAR 2019



DOSSIER
ESCATOLOGIA
FIM DO MUNDO
PROFECIAS
ETC



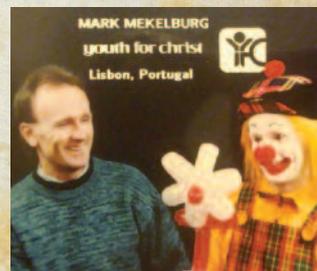
9 textos dez Escatologia 2a15



Clérigos e Leigos 16



Manual Para Pais 18



Entrevista a Mark
Mekelburg 20



ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃOS SOCIAIS DA CÔRPORAÇÃO EVANGÉLICA

No passado sábado, dia 8 de dezembro de 2018, realizaram-se eleições para os órgãos sociais da Corporação Evangélica - Igreja Evangélica Independente (igrejas dos irmãos da zona centro). Para o biénio

2019/2020, foram eleitos os seguintes elementos:

Junta Administrativa

Presidente - Duarte Casmarrinha (ig. Rocha Nova); Secretário - Carlos Freitas (ig. Eiras); Tesoureiro - Samuel Ferreira (ig. Lousã); Vogal - Tiago Alves (ig. Pampilhosa); Vogal - Pedro Silva (ig. Pampilhosa).

Conselho Fiscal

Presidente - Alberto Manaia (ig. Póvoa do Pinheiro); Secretário - Samuel Coimbra (ig. Coimbra-Sota); Relator - João Silva (ig. Pampilhosa).

Assembleia Geral

Presidente - Daniel Silva (ig. Eiras); Secretário - Paulo Carvalho (ig. Tovim).

ENCONTRO DE CASAIS COM CRISTO / NORTE

Para o ano de 2019 está agendado o 34º ECC (25-26 de Maio) e o 2º Encontro (26-27 Outubro) para todos os casais que participaram em todas as edições do ECC/NORTE, ao longo dos últimos 17 anos em que este ministério tem servido as famílias e igrejas portuguesas. Será num hotel na zona do grande Porto. Em breve serão divulgados pormenores.



FICHA TÉCNICA REFRIGÉRIO

ANO 33 NÚMERO 172 JAN/MAR 2019 ISSN 2182-617X

Periódico trimestral visando a informação

e edificação do povo de Deus



PROPRIEDADE
Comunhão de Igrejas
de Irmãos em Portugal
CIIP

Internet: www.ciip.net **E-mail:** refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-294 Mem Martins

E-mail: refrigerio@ciip.pt

Design Gráfico e Paginação Osvaldo Castanheira

Refrigério Impresso e Refrigério Online

Capa deste número Quadro de Gustave Moreau, 1898

Revisão e edição de Textos Cristina Calaim e Matilde

Vieira **Revisão e Edição de Notícias** Helena Sequeira

Versão digital <http://www.refrigerio.ciip.net>

Impressão SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X impresso / **2182-6188** em linha

Tiragem: 2200 ex **Preço de cada exemplar:** 2 €

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. **Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP-** NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para "Revista Refrigério".

© Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. A Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. de Comunicações António Calaim

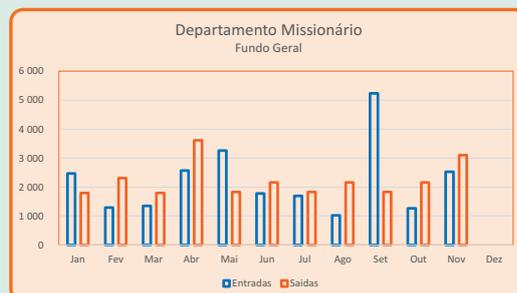
ENDEREÇO para correspondência: REFRIGÉRIO

Rua das Eiras, 22, 2725-299 Mem Martins

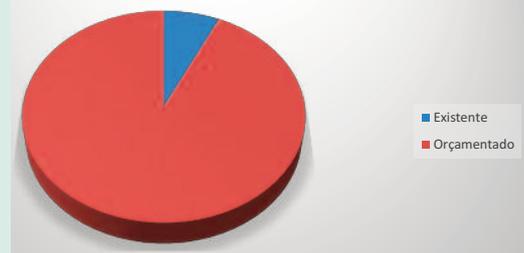
Cada Nº do REFRIGÉRIO tem um custo.

Apoe este ministério com a sua oferta.

DADOS ESTADÍSTICOS



Próximo Refrigério



ESTÓRIAS DOS FINS DO MUNDO

por Osvaldo Castanheira

Clara era muito crente. Acreditava em tudo. Comprou o jornal. Dizia que, nesse mesmo dia 10 de março de 1982, estava previsto o mundo acabar devido a um raro alinhamento planetário. Alguns afirmavam até que Jesus viria pela segunda vez.

E a Clara, que não era ateaia acreditou.

.....

Quando lhe disseram que a 21 de dezembro de 2012 o mundo acabaria, a Clara que não era ateaia tornou a acreditar. É o que pregavam as centenas de páginas que consultou na web justificando o fim do calendário Maia como o ponto central para a o fim de tudo. Segundo essas teorias apocalípticas, os polos da Terra iriam inverter-se devido a distúrbios magnéticos do sol, gerando grandes tempestades solares que afetariam radicalmente a Terra. Resumindo: O mundo iria acabar neste dia e ela estava receosa.



.....

11.59 h

- É do 112?

- Em que posso ajudar, minha senhora?

- O mundo vai acabar, sabem-me dizer o que hei-de fazer?

Jesus vem ou não?

- Não sabemos minha senhora, recebemos milhares de chamadas a perguntar o mesmo.

Quando os números do rádio-relógio marcavam as 00:01 agarrou no cobertor e correu para a varanda. Não viu nenhum carro abandonado no meio da estrada sem condutor, nem nenhuma pilha de roupa caída no passeio sem alguém lá dentro. Dos que por ali

habitualmente passeavam o cãozinho, ninguém fora arrebatado, pelo menos até onde ela podia ver, e os miúdos continuavam a dormir.

Entrou na casa de banho, acendeu a luz, olhou para o espelho e inspecionou o corpo. Não tinha “a marca da besta”.

Já era a terceira vez que diziam que o mundo ia acabar, ela acreditou e afinal, nada.

.....

GRANDES NEGÓCIOS DOS FINS DO MUNDO

Muito para além dos tabloides e da net ,duma forma especulativa, o fim do mundo inspira também numa forma mais “séria”, filmes, músicas, livros, pinturas e séries televisivas. Senão vejamos: por toda a Idade Média e até no Renascimento quantas centenas de pinturas foram executadas tentando mostrar o terror apocalíptico? Monstros e diabos de toda a forma e feitio eram representados com o beneplácito da igreja de Roma, muitas vezes para “intimidar” o povo ignorante.

Hoje, nos desertos áridos dos filmes Mad Max, no fim do mundo aquático de Waterworld, no apocalipse zumbi de The

Walking Dead, nos filmes *Melancolia* de *Lars von Trier* ou *Dr. Strangelove* de *Stanley Kubrick*, nos livros *Guerra dos Mundos* de *H. G. Wells* ou *Ensaio Sobre a Cegueira* de José Saramago, nas tão atuais esculturas/fotografia “*Small Worlds*” da americana *Lori Nix* ou em músicas dos R.E.M., a verdade é que o fim do mundo (enquanto não chega) nos vai entre-endo e dando grandes lucros a muitos.

Duma forma *soft* ou *hard*, cada um vai imaginando à sua maneira um destino para o fim da humanidade que pouco ou nada tem a ver com a “Revelação” bíblica, mas arrasta milhões desejosos de sensações fortes.

Na arte e no entretenimento, o apocalipse inspirou e continuará a inspirar autores, a imaginar como serão os eventos que desencadearão a aniquilação do universo e, também, o que haverá depois, mas quase sempre com um sentimento de terror e medo. Completamente o oposto do que deveria acontecer com os cristãos.

Assim, embora provavelmente estejamos cientes de que o “apocalipse” tem origem na palavra grega que significa “revelação” (daí o título do livro do Apocalipse) quando lemos ou ouvimos a palavra, é mais provável que pensemos em termos de angústia, escuridão e cataclismo. As imagens que vêm à mente podem ser de uma invasão de zumbis, em vez de ver o culminar de toda a história de uma maneira positiva. Mas este último deve ser o nosso ponto de vista.

O fim do mundo é uma boa notícia porque é sobre Deus levar a bom termo tudo o que planeou. (parágrafo extraído do texto da pág. 5) **FIM**

RESULTADO da pesquisa feita em todos os Refrigérios (1 a 171) sobre “**FIM DO MUNDO/ESCATOLOGIA**” e que poderá consultar no REFRIGÉRIO ONLINE se tem um interesse especial pelo tema.

ANO 1990 Nº 19

Título – O que acontecerá quando Cristo vier reinar na terra
Autor – A. Doolan

ANO 1990 Nº 19, 20 e 23

Título – Tempos do Fim
Autor – Normando Fontoura

ANO 1993 Nº 37

Título – O céu está de um vermelho sombrio
Autor – José Fontoura

ANO 1999 Nº 72

Título – Medo do fim do mundo
Autor – Samuel Pereira

ANO 2002 Nº 86

Título – Será hoje?
Autor – Carlos Alves

ANO 2004 Nº 96

Título – O futuro do planeta terra
Autor – Eduardo Costa

ANO 2005 Nº 104

Título – Sinais dos tempos
Autor – Samuel da Silva Oliveira

Título – Preparados para a vinda de Cristo

Autor – Samuel Pereira

ANO 2005 Nº 106

Título – Tempos de mudança ou fim dos tempos
Autor – José Manuel Nunes Rodrigues

ANO 2010 Nº 131

Título – O princípio das dores
Autor – Samuel Pereira

ANO 2010 Nº 134

Título – Últimos dias
Autor – Vitor Encarnação

gravura de DÜRER - Sec. XV
“Os quatro Cavaleiros do Apocalipse”



por Simon Marshall

*Ex-professor, pastor e missionário
é agora diretor do Tilsley College,
na Escócia, onde ensina*

*Escrituras Apocalípticas,
no terceiro ano de um curso universitário.*

Tradução e adaptação: Osvaldo Castanheira

A IMPORTÂNCIA DA ESCATOLOGIA



fotomontagem osvaldo castanheira

OFAMOSO ESCRITOR C. S. LEWIS escreveu certa vez: "Há dois erros iguais e opostos sobre os demónios nos quais o ser humano pode cair". Um é descrever da sua existência. O outro é acreditar e sentir um interesse excessivo e pouco saudável por eles.

Algo semelhante talvez possa ser dito sobre as atitudes dos cristãos na Europa quanto à escatologia. Por um lado, há uma tendência para gastar muito tempo e energia na descoberta e criação de gráficos e cronogramas detalhados, sobre angelologia, simbologia e numerologia (para citar apenas alguns), na tentativa de desbloquear os "segredos" proféticos, especialmente nos textos apocalípticos. Por outro lado, há aqueles que olham para algumas das passagens bíblicas relativas aos últimos dias e decidem que compreendê-las está aquém da sua capacidade, ou é uma grande confusão. Cada uma dessas posições é perigosa para a saúde da igreja.

Uma obsessão com os meandros das profecias pode levar muito facilmente a divergências e disputas relativas a interpretações particulares. O resultado é que, em vez de as Escrituras serem procuradas pelo que revelam sobre Deus e o Seu relacionamento com a humanidade, elas podem ser usadas para reforçar ou "provar" uma interpretação particular, que então se torna a pedra de toque para avaliar se alguém é um crente "real" ou "falso".

No entanto, ir ao outro extremo e evitar, ou ignorar, a profecia e a literatura apocalíptica, seja qual for a razão, é negar que Deus fala através de **toda** a Sua palavra e que o faz em nosso benefício.

O "ESTUDO DO FIM DE TUDO"

Neste artigo, quero argumentar que estudar a escatologia é de vital importância para a saúde e o bem-estar, não apenas de cristãos individualmente, mas também das igrejas. **É, portanto, um assunto demasiado importante para permitir que seja sequestrado por uma escola particular de interpretação ou ignorado porque é muito complicado e pode levar a disputas.** Precisa de ser visto tal como é, um tópico importante para o estudo e para a vida e o crescimento cristãos, mas não aquele em que interpretações particulares se devam

tornar o fator decisivo da ortodoxia da crença de alguém, ou mesmo da sua salvação. Como diz Richard Krejcir, **"Deus está muito mais preocupado com a nossa formação e prática de fé do que com as nossas técnicas de debate e discórdias"**.

Existem muitas razões pelas quais o estudo da escatologia é importante, mas quero apenas destacar **cinco**. Estão intrinsecamente ligadas e servem como ponto de partida para mais reflexão e estudo. No final de

cada secção, apresentarei uma pergunta simples, mas espero que desafiadora, como um incentivo tanto para estudar a escatologia como para permitir que o Espírito de Deus nos transforme, para que não mais "se conformem com o padrão deste mundo, mas [sejam] transformados pela renovação de [vossa] mente" (Romanos 12: 2).

"Há dois erros iguais e opostos sobre os demónios nos quais o ser humano pode cair". Um é descrever da sua existência. O outro é acreditar e sentir um interesse excessivo e pouco saudável por eles.



OBJETIVOS CÓSMICOS DE DEUS

Uma das principais razões para estudar a escatologia é lembrarmos-nos que Deus tem um plano para o Seu universo. Não estamos a viver num mundo que está simplesmente a caminhar para um futuro incerto e caótico. Nem habitamos um cosmos que Deus tenha feito como um relógio ou uma máquina e deixe que funcione autonomamente.

Deus nunca é apanhado de surpresa, nem tem que ajustar o Seu plano, ou alterar os Seus propósitos em resposta a acontecimentos na terra. Ele tem “um plano para o fim, ou para a consumação de todas as coisas” e esse plano é indestrutível. Em certas ocasiões, ouvi cristãos fazerem declarações que implicam o contrário; exemplos disso podem estar relacionados com a legislação que envolve o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou o resultado de um referendo na União Europeia por exemplo sobre o aborto. Muitas vezes, essa sensação de falta de controle é baseada nas nossas próprias inseguranças e, por extensão, na nossa falta de fé em Deus.

Reconhecer que Deus está a concretizar os seus propósitos é fundamental para os cristãos e isso é reforçado e alimentado pelo estudo da escatologia.

Essa verdade também faz parte da base da nossa esperança. **Às vezes, parece que permitimos que a visão secular e catastrófica do fim dos tempos tire cor à nossa visão.** Assim, embora provavelmente estejamos cientes de que o “apocalipse” tem origem na palavra grega que significa “revelação” (daí o título do livro do Apocalipse ou Revelação) quando lemos ou ouvimos a palavra, é mais provável que pensemos em termos de angústia, escuridão e cataclismo. As imagens que vêm à mente podem ser de uma invasão de zumbis, em vez de o culminar de toda a história de uma maneira positiva. Mas esta última deve ser o nosso ponto de vista.

O fim do mundo é uma boa notícia porque é sobre Deus levar a bom termo tudo o que planeou. Assim, estudar a escatologia esclarece o que deveria ser um aspeto básico da nossa fé - na verdade, traz à luz - que no final o mal e o pecado não triunfarão. Talvez não seja surpreendente que vários estudos sobre o Apocalipse tenham a mesma conclusão, “O Cordeiro Vence!”

Como vou reagir quando o próximo acontecimento na esfera política ou económica desafiar a minha noção de segurança?



PRIORIDADES DA VIDA

A escatologia ajuda-nos a manter as coisas em perspetiva. Isto é especialmente verdadeiro para a literatura apocalíptica, que abre a cortina e permite um vislumbre do reino dos lugares celestiais, um gosto por ver tudo com os olhos da fé. Estudar a escatologia força-nos a reconhecer a verdade de que existem realidades que vão além do aqui e agora e que tocam a eternidade.

Muitos de nós reconheceríamos que, se há uma coisa que atenua o nosso entusiasmo pelo Evangelho, ou que traz uma frieza de coração para com o nosso Deus e Salvador, é a pressão que todos vivemos na nossa sociedade, para sermos os donos do iPhone mais recente, de dirigir um novo modelo de carro ou usar uma determinada marca

de roupa. Os valores de nossa cultura infiltram-se nas nossas vidas e desgastam a nossa fé.

O que é verdade sobre nós como indivíduos também é verdadeiro em nossas vidas corporativas. **As nossas comunidades eclesiais também podem ser tentadas a “acompanhar as aparências” ou, pelo menos, a frequentar uma igreja de grande aparato.** Isso pode significar que os membros ficam mais preocupados se a congregação está confortavelmente sentada no culto de domingo, do que se os missionários que apoiam têm dinheiro suficiente para alimentar a família. Por outras palavras, muitas vezes deixamos de levantar os olhos do temporal para ver o eterno.

O antídoto para isso é o tempo gasto com a Palavra de Deus, lembrando-nos da realidade dos propósitos de Deus para a Sua criação. Estudar escatologia ajuda-nos a assegurar que o nosso tesouro e, portanto, o nosso coração, está onde deveria estar (Mateus 5: 19–21).

Se um estranho olhasse para o meu uso do dinheiro, onde diria que está o meu coração?



PAIXÃO PELO EVANGELISMO E MISSÃO

Eu sei que as generalizações são quase sempre uma coisa perversa, mas às vezes há alguma verdade nelas. Quando regresssei ao Reino Unido no final dos anos 90, depois de 13 anos a viver no exterior, uma coisa me surpreendeu sobre a igreja local: houve uma diminuição acentuada no interesse no longo prazo, na interculturalidade e na missão global. E as coisas não estão a mudar. Quando cresci numa pequena assembleia em Kent, missão e missionários pareciam ser centrais para o que fazíamos como comunidade, quer na Escola Dominical, quer nos horários de oração regular pelos missionários ou na receção de visitas de irmãos que estavam em viagem. Foi uma dessas visitas, quando eu tinha 18 anos, que Deus usou para inflamar o meu interesse nascente por missões.

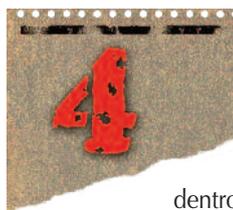
Uma comunidade eclesial que nunca gasta tempo estudando escatologia corre o risco de se tornar egocêntrica, de estar mais preocupada com o bem-estar das pessoas na igreja, do que estender a mão aos outros com a Boa Nova.

Há alguns anos, uma mulher na igreja onde nos reuníamos foi diagnosticada com uma doença terminal. Fomos solicitados pela família para realizar um tempo especial de oração por ela, o que fizemos. Nada havia de errado com isto. Mas eu fui seriamente desafiado por um dos anciãos que perguntou porque é que esse tempo de oração, que era para cura física, fora tão bem atendido enquanto outros tempos de oração, para o bem-estar eterno dos que estavam fora de Cristo, eram tão mal recebidos.

Se nós, como igreja neste país, quisermos voltar ao zelo missionário e evangelístico do passado, é necessário redescobrir a escatologia e a verdade do regresso de Jesus.

Se é um líder de igreja, em que é que gasta mais tempo: discutindo e planeando os confortos temporais da congregação ou as necessidades eternas daqueles sem esperança?





PREPARAÇÃO PARA O JULGAMENTO

Existe em todos nós o desejo de justiça, de que as coisas sejam melhores do que são ou estão. Este desejo não é encontrado apenas dentro da Igreja (se for): a recente revolta sobre abusos sexuais no setor da ajuda humanitária ou da pedofilia na igreja, ou o mal-estar expresso sobre o desaparecimento de Madie, mostra que é humano buscar justiça. A Bíblia deixa claro que, no final de todas as coisas, a justiça será feita e todos o poderão ver (Apocalipse 20: 11-13). Esta é uma boa notícia!

Se falharmos em estudar a escatologia, falharemos em ver que Deus irá corrigir todas as injustiças. Este é o pensamento central no julgamento; não se trata simplesmente de punir a transgressão.

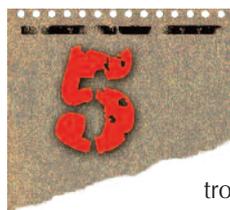
Como cristãos, devemos estar cientes do julgamento, preparados para o julgamento e ajudar os outros a prepararem-se para o julgamento. A primeira dessas exigências é que estudemos a escatologia. No momento em que a estudamos cuidadosamente, reconhecemos que todos nós enfrentaremos o julgamento.

Há muitos anos, depois de um sermão em que fiz uma referência ao tribunal de Cristo (Romanos 14: 10, 2 Coríntios 5: 10), um dos membros da congregação, crente há vários anos, perguntou-me onde é que eu tinha ido buscar tal ideia. Ele recusava-se a acreditar que os cristãos terão que ficar diante de seu Salvador e dar contas do que fizeram em vida. Este não é um julgamento que levará à punição, mas sim um julgamento que levará à recompensa - no entanto não deixa de ser um juízo, para o qual precisamos de estar preparados. Se falharmos em estudar a escatologia bíblica, falharemos no entender essa verdade. A terceira declaração (de que devemos ajudar os outros a prepararem-se para o julgamento) exige que estudemos a escatologia com compaixão. Saber que todos enfrentarão julgamento no fim dos tempos deve estimular-nos a levar as Boas Novas de Jesus aos outros, para que estejam preparados; é um dever que temos para com a humanidade como testemunhas de e para Jesus.

A realidade deste julgamento também age como estímulo para uma vida santa. Quando estamos conscientes de que estaremos diante de nosso Salvador, então ganhamos um ímpeto renovado para viver as nossas vidas de uma forma que lhe agrade, e que acabará ouvindo estas palavras, que creio, todos nós deveríamos desejar ouvir: "Muito bem, servo bom e fiel! ... Vem e partilha da felicidade do teu mestre!"

(Mt. 25: 21, 23)

Quão preparado estou para encontrar o meu Salvador face a face?



MOTIVAÇÃO PARA ADORAÇÃO

Finalmente, uma compreensão da escatologia leva-nos a adorar o Deus que está no trono. Nas nossas igrejas, discussões relativas à adoração parecem intermináveis. **Falamos sobre - e muitas vezes discordamos - o estilo da música, os tipos de instrumentos, ou a escolha e a época das músicas ou os grupos de louvor. Frequentemente, os nossos tempos de adoração são sem brilho na melhor das hipóteses e fontes de discórdia na pior das hipóteses.** Mais uma vez, os nossos olhos estão virados para dentro, sobre nós mesmos, o nosso próprio conforto e bem-estar, em vez de para fora e para cima, através da cortina que é aberta para nos permitir vislumbrar a glória de Deus.

A sala do trono do céu toca continuamente com o som da adoração

e, como povo de Deus aqui na terra de Deus, unimo-nos nessa adoração. E fazemo-lo porque sabemos que Ele tem um plano, porque sabemos que existem realidades além do temporal, porque sabemos que somos chamados a ir e testemunhar, porque sabemos que o julgamento final está para vir.

“Deus está muito mais preocupado com a nossa formação e prática de fé do que com as nossas técnicas de debate e discórdias”.

O culto corporativo da comunidade da qual eu faço parte, está alinhado com as verdades da glória divina ou mais preocupado com a agenda dos indivíduos?

Talvez seja apropriado concluirmos com algumas das palavras finais do Apocalipse: “Chegarei em breve, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo o que fizeram. Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro.

Amém. Vem, Senhor Jesus”. (Ap 22: 12-13, 20b). **FIN**

PARA LER ANTES DE LER (o resto)

Há coisas que parecem contraditórias mas de forma alguma o são, tais como ouvir pessoas com diferentes pontos de vista e aprender com isso. É o que pretendemos que aconteça com a leitura de alguns dos textos deste número. O slogan criado para a revista e que até agora tem aparecido em algumas capas é “TEXTOS PARA FAZER PENSAR” embora por vezes pense que para certos números ficaria melhor “TEXTOS PARA PENSAR E AGIR”. Mas para agir é fundamental conhecer vários pontos de vista e estar preparado para discernir o que está certo ou errado, e depois escolher. O arquiteto quando planeia um edifício não faz apenas a planta ou uma vista de frente mas igualmente os alçados lateral direito e esquerdo bem como a vista de cima e alguns desenhos de pormenor. Só assim o construtor munido das várias vistas pode compreender e construir na perfeição o edifício. **Leia, pense e não se aborreça só porque alguém tem um ponto de vista diferente do seu.** Até no texto bíblico podemos ler frases que parecem não fazer sentido ou contradizer-se mas apenas escapam ao nosso entendimento. Afinal, como compreender que para Deus “um dia é como mil anos ou mil anos é como um dia” ou “o visível não foi feito do que se vê”?

TEMOS, MUI FIRME, A PALAVRA DOS PROFETAS, À QUAL BEM FAZEIS EM ESTAR ATENTOS

2 PED. 1: 19



por
Ivan
Fletcher

A BÍBLIA TEM MUITAS PROFECIAS:

- ◆ Profecias já cumpridas,
- ◆ Profecias que estão a ser cumpridas atualmente e
- ◆ Profecias que ainda não se cumpriram.

As profecias que já se cumpriram e as que estão a cumprir-se são provas da inspiração divina das Escrituras.

Há profecias reveladas abertamente e outras por meio de figuras e enigmas.

A maioria das profecias refere-se ao Senhor Jesus Cristo e à Sua obra.

Algumas profecias acerca do Senhor Jesus Cristo que já se cumpriram:

Profecias da Sua vinda (Is 9: 6; 7: 14).

E o cumprimento (Lc 2: 11; Mt 1: 18-23).

A profecia do Seu nascimento em Belém (Mq 5: 2).

E o cumprimento, Deus usando o imperador César Augusto para a sua realização! (Lc 2: 1-7).

A profecia que Jesus viria do Egito (Os 11: 1).

E o cumprimento (Mt 2: 13-15).

Profecias que o Senhor Jesus Cristo seria desprezado e um homem de dores e que suportaria tudo sem abrir a Sua boca (Is 53: 3, 7).

Tudo isto cumpriu-se durante a Sua vida na carne (Heb 5: 7;

Mat 27: 13, 14, 57-60; Lc 23: 8; 1 Pe 2: 21-23).

Foi profetizado que o Senhor Jesus Cristo seria traído por um amigo (Sal 41: 9).

Esta profecia foi cumprida quando Judas Iscariote O traiu (Mt 26: 21-24).

Está profetizado que as Suas mãos e pés seriam traspassados (Sl 22: 16), que lançariam sortes sobre a Sua túnica (Sl 22:18), que com sede a Sua língua se pegaria ao paladar (Sl 22:15; 69:3) e que, na Sua sede, lhe dariam vinagre a beber (Sl 69:21).

Tudo isto se cumpriu quando foi crucificado (Mt 27: 33-46; 28: 1-6).

Foi profetizado que a Sua sepultura seria com os ímpios e com o rico na Sua morte (Is 53: 9).

Isto cumpriu-se quando José de Arimateia pediu a Pilatos o Seu corpo e O sepultou no seu sepulcro novo (Mat 27: 57-60).

Foi profetizado que, depois da Sua morte, ressuscitaria ao fim de três dias (Mt 16: 21; 20: 18, 19).

Isto realizou-se na Sua ressurreição (Mat 28: 1-6).

O Senhor Jesus profetizou que ia para o Pai (Jo 14: 28).

Cumpriu-se esta profecia na Ascensão (At 1: 11).

Foi profetizado que, nos últimos dias, Deus ia derramar o Seu Espírito sobre toda a carne (Jl 2: 28, 29).

Profecia esta que se cumpriu no dia de Pentecostes (At 2: 1-4, 16-18).

Está profetizado que aqueles que recebem o Espírito de Deus vão ter as suas vidas transformadas (Ez 36: 25-28; Jer 31: 31-34).

Esta profecia está a ser cumprida hoje em dia naqueles que nascem de novo pela fé em Cristo (Heb 8: 6-13; Jo 6: 45).

O Senhor Jesus também profetizou que viria outra vez para levar para Si aqueles que são Seus (Jo 14: 3).

Esta profecia ainda não se cumpriu.

Além das muitas profecias acerca do Senhor Jesus Cristo, há profecias acerca de Abraão e do Povo de Deus.

Está profetizado que em Abraão serão abençoados todos os povos da terra (Gn 12: 3; Gl 3: 8).

Esta bênção é a justificação pela fé em Deus (Gn 15: 5, 6).

Esta profecia está sendo cumprida hoje em dia em todos os que têm fé em Cristo (Gl 3: 9).

Está profetizado que Deus faria de Abraão uma grande nação (Gn 12: 2) e que seria o pai de uma multidão de nações (Gn 17: 4).

Estas profecias estão cumpridas na grande nação de Israel e nas muitas outras nações que são descendentes de Abraão.

Está profetizado acerca do Povo de Israel que, se não obedecessem ao Senhor e invalidassem o Seu concerto, seriam espalhados entre as nações. (Lv 26: 14-33; Dt 4: 25-28; 28: 58-65; Jr 9: 13-16).

Esta profecia cumpriu-se e ainda vivemos as consequências do seu cumprimento.

Deus profetizou que fará de Jerusalém como um copo de tremor para todos os povos em redor e uma pedra pesada para todos os povos; todos os que carregarem com ela serão despedaçados e ajuntarão contra ela todas as nações da terra (Zc 12: 2, 3).

Estamos a viver o cumprimento desta profecia nos nossos dias.

Está profetizado que nos últimos dias virão tempos difíceis porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, sem afeto natural, cruéis, traidores, orgulhosos etc. etc. (2 Tm 3: 1-5).

Hoje em dia estamos a viver no meio do cumprimento desta profecia. A Palavra de Deus está cheia de profecias e, ao lê-la, fazemos bem em estar atentos a elas. **FIM**

QUANDO DEUS REACTIVAR O RELÓGIO...

por Ruben Fontoura

O CAMPO PROFÉTICO ocupa lugar de destaque nas Escrituras e é assunto predilecto para muitos estudiosos e para quem ama a vinda do Senhor Jesus. Como salvos pela Sua maravilhosa Obra, temos a promessa de um futuro grandioso e eterno.

Não podemos, no entanto, entender as profecias, sem estudar conscientemente a passagem de Daniel 9. A partir do v. 24 Deus fala a Daniel nas *“Setenta semanas”* que *“estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão”*... Esta profecia destina-se exclusivamente ao Povo de Israel e à cidade de Jerusalém e determina 70 semanas de anos, ou seja, cada semana tem a duração de sete anos.

No v. 25 vemos que as 70 semanas decorrem em três períodos. Pri-

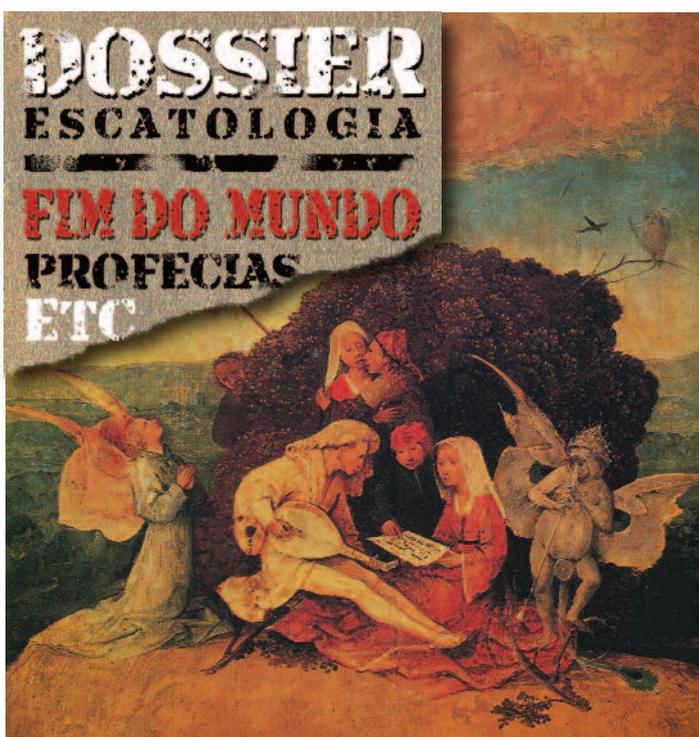
7 RAZÕES POR QUE CREIO QUE

A IGREJA PASSARÁ PELA GRANDE TRIBULAÇÃO

por Normando Fontoura

1 – PORQUE DEUS É JUSTO – A História da Igreja tem sido desde o seu início marcada pela perseguição, sofrimento e martírio. Ultimamente tem-se assistido a uma onda crescente de perseguição nos países islâmicos e comunistas. Deus não tem livrado muitos destes Seus fiéis dessas tribulações. Será a Igreja dos “últimos dias” tão especial, ou mais santa, para escapar à última e devastadora vaga de perseguição? Por que razão seriam os crentes da última geração escolhidos para escapar aos horrores da Grande Tribulação, se tantos outros não o foram?

2 – PORQUE CRISTO SÓ TEM UMA NOIVA E UMA IGREJA – A



meiro: sete semanas (49 anos); segundo: sessenta e duas semanas (434 anos). A 69ª semana termina exactamente com a morte e retirada do Messias (v. 26). Completadas que estão 69 semanas, resta-nos agora a última semana, que aparece separada e detalhada, no v. 27. A contagem de tempo parou, o relógio profético sobre Jerusalém foi interrompido. Israel havia rejeitado o Messias, pelo que o plano para extinguir a transgressão e dar fim aos pecados é suspenso por tempo indeterminado. É a hora da Igreja.

A contagem das 70 semanas irá recomençar, só depois de a Igreja ser retirada da terra, num abrir e fechar de olhos (I Cor. 15: 52).

Ninguém sabe quando isso acontecerá, mas há muitos indicadores. A restauração de Israel já foi há 70 anos. Jerusalém, a sua capital unificada, é centro de disputa dramática (*Cálice de tortura*). O projecto para a construção iminente do III Templo. O crescente espírito do Anti Cristo levantando-se contra tudo o que se chama Deus (II Tessal. 2: 3 e 4). O cada vez mais falado Plano de Paz para o Médio Oriente...

Estaremos ainda melhor enquadrados, se encararmos com atenção as Sete Festas que Deus instituiu para o Seu povo – as Santas convocações, de Levítico 23. Estas Festas apontam para o Senhor Jesus. Ele Se tem cumprido literalmente nelas. Vejamos:

1ª – Páscoa (Entre Março e Abril) – A morte do Senhor;

2ª – Festa dos Pães Asmos – o Seu sepultamento;

3ª – Primícias – a Sua ressurreição;

4ª – Festa das Semanas (ou Pentecostes) – envio do Espírito Santo. Início da Igreja.

- Todas estas Festas são na Primavera.

Acompanhando esta sequência, podemos deduzir que brevemente, alguma das seguintes Festas (de Outono) poderá ser marcada por gloriosos eventos proféticos:

5ª – Festa das Trombetas (Rosh Hashaná ou Ano Novo - entre Setembro e Outubro) – Arrebatamento da Igreja;

6ª – Dia da Expição (Yom Kippur) – Segunda Vinda de Cristo;

7ª – Festa dos Tabernáculos (ou Cabanas) – Início do reinado Milenar.

A base Bíblica que reforça a suposição do arrebatamento numa Festa das **Trombetas** é bem conhecida:

1 - I Coríntios, 15: 52 – “Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a **última trombeta**; porque a **trombeta** soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados.” Paulo estava a falar duma trombeta que era conhecida pelos Coríntios. O argumento de alguns de que esta é uma trombeta de Apocalipse, não tem cabimento, porquanto essa é para juízo de Deus. Além disso, este Livro foi escrito e conhecido, apenas 40 anos depois.

2 - Em Apocalipse 4: 1 e 2, vemos um cenário de arrebatamento ao som da **trombeta**, antes da tribulação. João, depois de ter encerrado o capítulo 7 *Igrejas*, inicia a visão do que estava para acontecer. Ele olha para o Céu, ouve uma voz que, como de trombeta, o convida a **subir**. Ele logo foi **arrebatado**, para ver as coisas, que **depois destas**, devem acontecer.

Crendo, então, no arrebatamento da Igreja, como o próximo grande acontecimento profético, o que seguirá depois? O mundo ficará em total convulsão. Os homens procurarão desesperadamente por al-

Noiva de Cristo ficará “completa” quando a última alma se converter. A Igreja completa subirá então para a Sua presença, para celebrar as bodas na Casa do Pai. A partir daí não haverá mais salvação, nem oportunidade de arrependimento. Será um tempo de descanso e recompensa para os salvos, mas de impiedosa ira para os rebeldes. Não faz qualquer sentido, nem há referências bíblicas que deem respaldo a uma segunda oportunidade para quem cá ficar. Depois do arrebatamento da Igreja, não há espaço para uma segunda “noiva” formada por aqueles que hipoteticamente se converteriam durante a ausência da Igreja e do Espírito Santo. A haver oportunidade de salvação para quem ficasse depois do arrebatamento, teria então de haver um segundo arrebatamento, ou então Cristo teria 2 noivas, pois a forma de salvação sempre foi, é e será igual para todos.

3 – PORQUE “GRANDE TRIBULAÇÃO (GT)” E “IRA DE DEUS” SÃO COISAS DIFERENTES – Todo o quadro cronológico apresentado por Jesus no Seu sermão profético – Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 – faz uma clara distinção entre 3 períodos distintos e sequenciais: “início das dores”, “grande tribulação” e “vinda do Filho do homem.” Só depois se dará o tempo da Ira do Senhor. A revelação dos últimos dias em Apocalipse segue a mesma orientação, situando a abertura dos 5 primeiros selos no período da GT. Logo que é aberto o 6º selo, a própria humanidade reconhecerá que é tempo da “ira do Cordeiro” (Apoc. 6:12-17). Durante esse período do 6º selo, a Igreja é toda tirada da terra pelos anjos de Deus (Mateus 24:31) e, ao abrir do 7º selo, inicia-se o tempo da Ira do Senhor, já sem a Igreja presente e sem a possibilidade de salvação para ninguém. A Igreja

sofrerá às mãos do Anticristo (5º selo), mas será protegida na “Casa do Pai” durante o tempo da Ira do Cordeiro.

4 – PORQUE A IGREJA É “VISTA” NOS TEXTOS RELACIONADOS COM A GRANDE TRIBULAÇÃO – Ao contrário do que alguns alegam, a Igreja é referida diversas vezes depois de Apocalipse 4. Só que é referida em termos como “conservos e irmãos” (6:11; 12:10), “multidão inumerável” (7:9), “santos” (8:3; 11:18; 13:7, 10; 14:12; 17:6; 19:8), “servos” (11:18; 19:2), “os que têm o testemunho de Jesus” (12:17; 17:6), “os que guardam a fé em Jesus” (14:12), “os que morrem no Senhor” (14:13), “os santos e profetas” (16:6; 18:24). Pelo contrário, a Igreja não é mencionada durante a descrição do tempo da Ira de Deus. Quando é referida a Vinda gloriosa de Jesus, como Rei dos reis, para combater e derrotar o Anticristo e seu séquito, lê-se que Ele virá com os Seus “eleitos e fiéis”, um termo exclusivo dado aos membros da Sua Igreja. Esses mesmos termos (santos, fiéis, conservos, irmãos, eleitos, servos, etc.) são comumente utilizados nas epístolas do NT dirigidas à Igreja. Ora, ninguém põe em causa que as cartas e epístolas do NT tenham sido escritas às Igrejas, no entanto é revelador ver que em algumas delas o termo “Igreja” não é usado, mas sim outros semelhantes aos encontrados após o capítulo 4 do Apocalipse. Exemplos: Romanos: “A todos os amados de Deus... chamados para serdes santos.” Nas introduções das 1ª e 2ª epístolas aos Coríntios, o termo “igreja” está associado a “santos.” Éfeso: “...aos santos...e fiéis em Cristo Jesus”. Filipenses: “...a todos os santos em Cristo”, Colossenses: “...aos santos e fiéis irmãos em Cristo...” 1º Pedro: “...aos eleitos...”, Judas: “...aos chamados, amados...”

guém que lhes dê respostas. E tê-lo-ão! O grande enganador, surgirá para todos eles, que não deram ouvidos à Verdade.

Voltemos, então, a Daniel 9, agora vs. 26b e 27. Aqui vemos a profecia já cumprida da destruição de Jerusalém e do Templo, pelo exército Romano, no ano 70 D. C. Deste Império Romano ressurgido, surgirá o príncipe que *há-de vir. Ele firmará um concerto, com muitos, por uma semana*. Não haverá dúvida de que este príncipe é o anti-Cristo, a Besta que sobe do mar (Apocalipse, 13: 1 a10).

Com a assinatura deste concerto de sete anos, começará imediatamente a contagem da última das 70 semanas. O príncipe tranquilizará os homens. Conseguirá o “milagre” da paz no Médio Oriente. Ele aprovará a grande aspiração dos Judeus: a construção do III Templo. O v. 27 continua, mas com trágicas notícias. *O príncipe* (possuído por Satanás) querera ser como Deus. É assim que, ao fim de três anos e meio, ele rompe o acordo e *se assentará, como Deus, no Templo de Deus, querendo parecer Deus* (II Tessal. 2: 4). É aqui que entra a conhecida passagem de Mateus, 24 – o Sermão Profético de Jesus. Também Ele mesmo refere, no verso 15: *“Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel (9: 27), está no lugar santo”...*

Certamente que o Senhor, ao Se dirigir aos discípulos neste Sermão, pensou propriamente no objectivo das 70 semanas: **extinguir a transgressão e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos**. Ele anteviu Apocalipse 13: 1 a 10 e todos os juízos descritos neste Livro.

Neste tempo de julgamento como nunca visto, não mais a salvação dependerá apenas de crer em Jesus. Só quem perseverar até ao fim, será salvo (Mateus, 24: 13).

Conforme vemos em Daniel 9: 27 *“sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação”*, o anti-Cristo terá poderes absolutos. Ele fará guerra aos santos e vencerá (Ap. 13: 7).

Mas finalmente ele será destruído. O que está determinado será derramado sobre o assolador (Daniel 9: 27d). Ele é a Besta, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da Sua vinda (II Tessal. 2: 8). Terminará, assim, a contagem das 70 semanas de Daniel.

O Senhor virá para reinar. Com Ele virá a Sua Noiva, em poder e glória. Os milhões de santos, mortos durante a grande tribulação, às mãos da Besta, que perseveraram até ao fim, serão ressuscitados, terminando assim o ciclo dos vários grupos dos ressuscitados que fazem parte da “Primeira ressurreição” (Apoc. 20: 6). Esta, iniciada pelo Senhor Jesus (as Primícias), foi logo continuada pelos muitos santos de Mateus 27: 52 e 53, será prosseguida no arrebatamento da Igreja e depois pelas Duas Testemunhas (Apoc. 11: 11 e 12).

A Igreja não aguarda o príncipe, porque há Um que agora (Ihe) resiste, até que do meio seja tirado. Cremos que Este que agora resiste é o Espírito Santo. Lemos: **“E o Espírito e a esposa dizem: Vem.”** (Apoc. 22: 17a).

Ora vem, Senhor Jesus! **FIM**

Na sua 2ª carta aos Tessalonicenses, e para tranquilizar os santos que já se julgavam na GT, o apóstolo Paulo esclarece-os, dizendo que “a nossa reunião com Ele” (o Arrebatamento) não acontecerá “sem que seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição...ostentando-se como se fosse o próprio Deus...segundo a eficácia de Satanás...” (2:1,3,4,9). Torna-se então claro, que a Igreja assistirá pelo menos à manifestação do Anticristo, no início da GT, a meio da 70ª semana de Daniel.

5 - PORQUE AS ALMAS (NÃO OS CORPOS) DOS MÁRTIRES SÃO VISTAS NA GLÓRIA NO PERÍODO DA GT – Em Apocalipse 6, com a abertura do 5º selo, o apóstolo João vê as almas dos mártires no decorrer da GT, sendo-lhe dito que o número dos seus “conservos e irmãos” que haveriam de ser martirizados ainda não se tinha completado. Mais tarde, no capítulo 7, já são vistos os corpos da incontável multidão já vestida com vestiduras brancas e que João percebe que vieram “da grande tribulação” (7:14). Ora, é exactamente depois dessa altura (6º selo) em que a Igreja já foi toda arrebatada e os santos ressuscitados, que é aberto o 7º selo, dando início ao tempo da Ira de Deus (trombetas e taças)

6 – PORQUE O ANTICRISTO (A BESTA) É VISTO A PELEJAR CONTRA OS SANTOS E A VENCÊ-LOS – Apoc. 13:7; 12:11, 17; 6:9-11; 7:14; Mat. 24:21-22; Daniel 7:21-22; 25-27; 8:24. Vários textos do AT e do NT referem a perseguição e “matança” dirigidas pelo Anticristo aos crentes. Nada de novo, se recordarmos alguns momentos dolorosos da História da Igreja. Note-se que o termo usado para estes

mártires é o mesmo geralmente referido nas várias epístolas. Esses mártires são, no entanto, “vencedores”, pois “não amaram a própria vida”, vencendo Satanás através do sangue do Cordeiro e da palavra do testemunho que deram (Apoc. 12:10-12).

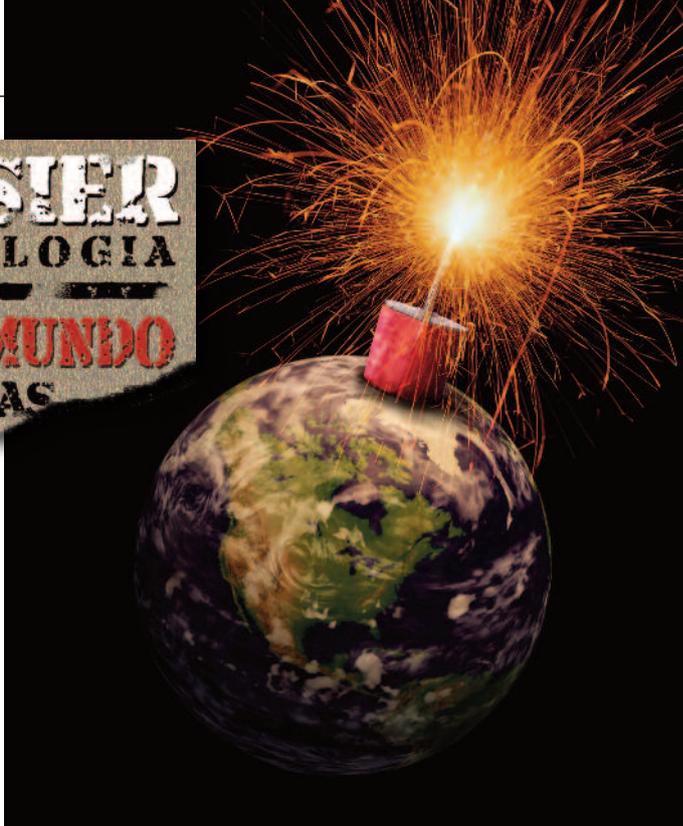
7 – PORQUE OS “PAIS” DA IGREJA ASSIM ACREDITAVAM – Até meados de 1830 a Igreja cristã nunca defendeu um “escape” antes da GT. Toda a literatura “patrística” menciona a necessidade de preparação dos cristãos face ao surgimento do Anticristo. Desde o Didaqué à epístola de Barnabé, ao Pastor de Hermas, e até aos escritos de Justino Mártir, Ireneu, Tertuliano, Hipólito, Cipriano e outros, todos se referiam à terrível tribulação que a Igreja iria sofrer. Sendo quase todos esses homens de Deus descendentes espirituais dos primeiros apóstolos, é improvável que estivessem todos enganados acerca do mesmo assunto... Assim acreditavam também outros reconhecidos servos de Deus, muito mais próximos do nosso tempo, como George Muller, A. J. Gordon, A. B. Simpson, R. A. Torrey e o próprio Tozer. Creio assim na expectativa da vinda do Senhor, mas não na iminência. Creio que já estaremos próximos do “início das dores”, vindo depois a manifestação do Anticristo e o início da Grande Tribulação.

E creio que ela será tão intensa e cruel, que o Senhor Jesus, na Sua misericórdia e amor pelos Seus escolhidos (a Igreja), irá abreviar esses dias, enviando os Seus santos anjos para nos recolher para junto de Si.

Mas, antes que Ele venha, é melhor estarmos preparados para, se necessário, sofrermos e pagarmos o preço pela nossa fé. **FIM**

A SEGUNDA VINDA É O FIM DE TUDO?

por Joel Timóteo Ramos Pereira



Estar na presença de Deus

1 O Senhor Jesus disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também” (João 14:1,2).

Ao dizê-lo, precedeu uma declaração de confiança e segurança: “não se turbe o vosso coração” (João 14:1). Sim, a segunda vinda do Senhor Jesus não é motivo de perturbação para “todos quantos O receberam, pois lhes foi dado o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no Seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo. 1:12). Sem temor, temos assegurado que Ele foi preparar-nos lugar e que não nos deixará órfãos (Jo. 14:18); não ficaremos sem rumo, sem habitação ou excluídos da vida porque “vós me vereis; porque Eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em Mim, e Eu em vós” (Jo. 14:19,20). Por

isso, quando o Senhor Jesus estava no Getsêmani, antes de se entregar ao sacrifício pelos nossos pecados, rogou ao Pai por nós que pela Sua palavra nEle iriam crer, “para que também eles sejam um ...em nós”, voltando a afirmar: “aqueles que me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste.”

O propósito do Senhor é, precisamente, que apesar de indignos, vejamos a Sua glória e com Ele estejamos para toda a eternidade. A Sua segunda vinda será de união: “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos

sempre com o Senhor” (1Ts. 4:16b,17).

O apóstolo Paulo, embora bem ciente da responsabilidade de, enquanto estamos neste corpo, sermos embaixadores de Cristo (2Cor. 5:20), desejava “antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor” (2Co. 5:8), sentindo-se dividido entre o fruto do serviço ao Senhor e o “desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor” (Fl.1:23). Na verdade, conforme já louvava o salmista: “Far-me-ás ver a vereda da vida; na Tua presença há fartura de alegrias; à Tua mão direita há delícias perpetuamente” (Sl. 16:11).

Para o filho de Deus, o cerne fundamental da Segunda Vinda de Cristo é estar para sempre na Sua presença, gozar da salvação eterna como beneplácito do fruto da Sua graça (Ef. 2:8,9), sabendo que Deus “nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça” (Ef. 1:5,6a, 12).

...

*as aflições
deste tempo presente
não são para comparar
com a glória
que em nós
há de ser revelada*

...

Magnificência inexprimível

2 É certo que, após a Segunda Vinda, “todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2Co. 5:10 e Rm. 14:10), recebendo galardão ou detrimento (1Co. 3:14,15), mas seguros na salvação eterna, porque fomos comprados por bom preço (1Co. 6:20, 7:23; 1Tm. 2:6). É por causa dessa redenção que nos é assegurado que: “somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos” (1João

3:2); “as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam” (1Co. 2:9; cfr. Rm. 8:29).

Sabemos que somos filhos de Deus (Rm. 8:14,16; 9:8; Gl 4:6; 1Jo. 3:1, 5:1) mas, porque vivemos num corpo sujeito às paixões terrenas, sofremos tentações e tribulações (Jó 5:7). No entanto, “a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente” (2Co. 4:17) e como Paulo podemos declarar termos “por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada, porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus” (Rm. 8:18,19).

Conforme já lemos (1Jo. 3:2) teremos um corpo semelhante ao do Senhor Jesus Cristo: “nós esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas” (Fl. 3:20,21); será um corpo que não estará sujeito às contingências de dor, sofrimento, doença, cansaço ou envelhecimento (1Co. 15:48-50), sendo revestido de incorruptibilidade e de imortalidade, assim se cumprindo “tragada foi a morte na vitória” (1Co. 15:54) – “os que esperam no Senhor renovarão as forças, subi-

rão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão” (Isaías 40:31). Em nós não haverá memória de angústias, tristeza ou sofrimentos, não haverá lembrança dessas coisas passadas (Is. 65:16,17).

Libertos de qualquer contingência terrena, temos garantido que “com Ele reinaremos” (2Tm. 2:12), o que significa que, tendo o Senhor prometido que onde Ele estiver, nós também estaremos, assim sucederá também durante o milénio (Ap. 20:4-6). E quando “todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos” (1Co. 15:28).

Por isso, a Segunda Vinda de Cristo não será um fim, mas o princípio de tudo o que a nossa mente terrena não consegue traduzir nem alcançar. Sendo justificados pela Sua graça, seremos “feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna” (Tt 3:7; cfr. Gl. 4:7); “se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com Ele padecemos, para que também com Ele sejamos glorificados” (Rm. 8:17). Demos, pois, graças e louvor ao Senhor (Sl. 145:1-12) por termos o nosso nome escrito no livro da vida (Ap.20:12) e termos a bem-aventurança de “entrar na cidade pelas portas” (Ap.22:14). **FIM**

O FUTURO DA TERRA E DO HOMEM



por Duarte Casmarrinha



OS DERRADEIROS CAPÍTULOS do livro do Apocalipse revelam a maravilhosa conclusão do propósito de Deus para a humanidade e para o planeta Terra. Esse é o mesmo propósito que Ele tinha desde o princípio e que foi momentaneamente frustrado por culpa do homem que foi enganado por Satanás.

Mas, ultrapassada essa etapa, haverá uma nova ordem de coisas que é o mote para eternidade. Em Apocalipse 21.5, Jesus, Aquele que está sentado no trono, diz: “Eis que faço novas todas as coisas”.

Para a eternidade com Deus estão reservados todos os crentes que

abraçaram a fé em Cristo Jesus, reconhecendo-O como Senhor e Salvador, que O serviram e passaram pela experiência da morte ou do arrebatamento.

O estado atual da Criação

O apóstolo Paulo refere-se, em Romanos 8.19-22, à Natureza como que sofrendo de dores de parto na expectativa da manifestação dos filhos de Deus. Gemer é a tradução do grego que significa “suspirar”, “queixar” ou “lamentar”. O sentido é de um lugar apertado e de confinamento, de dôr e de restrição. Este é o estado da criação no pas-

sado e na atualidade. As catástrofes naturais que se tornaram tão comuns no nosso tempo, são as manifestações próprias da Natureza afetada pelo pecado – pecado do homem que o tem atingido gravemente a si próprio como tem igualmente manifestado as suas conseqüências na Natureza que nos rodeia e na qual vivemos. Esta manifestação haverá finalmente de cumprir o propósito de Deus. Paulo fala da redenção completa. A angústia de toda a criação resultará num glorioso benefício, a liberdade da glória dos filhos de Deus, aqueles que haverão de herdar a Terra (a nova) (Mateus 5.8).

*... no futuro,
o ser humano,
qualquer que tenha sido
o seu tempo
ou circunstâncias,
os vivos e os mortos,
comparecerão diante
do Supremo Juiz ...*

com o TEMPO, ou seja, aplica-se a tudo o que recentemente passou a existir; o outro é ['KAINOS'] que tem a ver com QUALIDADE e aplica-se para demonstrar algo com características novas. É esta última expressão que aparece neste trecho de Apocalipse. A velha terra desaparecerá e Deus criará uma nova terra. Para isso acontecer será necessária a aniquilação total das obras de Satanás para que uma nova ordem seja estabelecida.

Assim, o futuro deste planeta está traçado, ou seja, a destruição – para dar lugar a uma nova terra, nova criação de Deus onde habitarão todos aqueles que confiaram as suas vidas nas mãos do Cordeiro, o Senhor Jesus Cristo. Enganam-se todos

Nova Terra e Novos Céus

A doutrina da criação de Novos Céus e Nova Terra é suportada por diversas passagens das Escrituras, tais como Salmos 102.25-28, Isaías 51.16, 65.17, 66.22, Mateus 24.35, Romanos 8.19-22, Hebreus 1.10-12, II Pedro 3.13. Muitos profetas e apóstolos falaram da criação de Novos Céus e Nova Terra mas João teve a visão desta nova criação: “E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram e o mar já não existe” (Apocalipse 21.1).

O texto parece claramente indicar que Deus não recriará ou renovará mas sim criará algo novo. A característica mais evidente nesta descrição é o termo “novo/nova”. Existem dois vocábulos traduzidos dessa forma do grego original: um deles é ['NEOS'] que tem a ver

quantos afirmam que herdarão esta terra e todos quantos têm “apostado” todos os seus tesouros nela.

No futuro, o ser humano, qualquer que tenha sido o seu tempo ou circunstâncias, os vivos e os mortos, comparecerão diante do Supremo Juiz. Aqueles que forem achados no Livro da Vida ficarão para sempre com o Senhor e habitarão a nova terra que Ele criará. Todos aqueles que rejeitaram o Senhor, esses serão lançados para sempre no Lago de Fogo. O desaparecimento da Terra como a conhecemos agora é evidente de tal maneira quando lemos acerca das características da Nova Criação, que não podemos ficar confundidos.

Maranata! Ora vem Senhor!

O que não existirá na Nova Criação

1. Não haverá memória das coisas passadas (Isaías 65.17). O propósito de Deus não é apenas remover o mal mas também a lembrança do mesmo. Não haverá recordação do tempo de rebelião contra Deus e não haverá mais pecado.
2. O mar não mais existirá (Apoc. 21.1). Aos nossos olhos hoje, contextualizados ao nosso tempo, é difícil imaginar uma nova terra sem oceanos, mas esse é o plano de Deus.
3. Não haverá mais lágrimas (Apoc. 21.4). Esta expressão remete-nos para a ausência de dor, sofrimento, fome, doença, angústia ou stress, coisas tão vulgares e nefastas ao ser humano hoje.
4. Não haverá mais morte (Apoc. 21.4). A morte será o último inimigo a ser vencido. Pela ausência da morte (resultado da ausência do pecado), a imortalidade será realmente compreendida por nós num corpo glorioso.
5. Não haverá mais maldição (Apoc. 22.3). O termo grego usado é ['ANÁTHEMA'] que indica qualquer coisa maldita, pervertida ou inferior, digna de desaprovação ou de juízo divino.
6. Não haverá mais noite (Apoc. 22.5). Na primeira criação, Deus disse “Haja luz e houve luz. E fez Deus separação entre a luz e as trevas”. Essa separação não será mais necessária.
7. Não haverá mais fé (Apoc. 22.4). A necessidade da fé prende-se, em grande parte, por não vermos a Deus. Mas na nova criação, habitaremos com o Criador e veremos o Seu rosto.

O que haverá na Nova Criação

1. Haverá Nações (Apoc. 21.24-26). Estas nações trarão os seus tesouros até à Nova Jerusalém. Não serão, certamente, governadas da forma como conhecemos hoje, mas nem por isso deixarão de ser identificadas como nações.
2. Haverá Justiça (II Pedro 3.13). A história da humanidade, desde a queda, foi marcada por constantes injustiças em todas as áreas da vida. Na nova criação, a justiça será estabelecida para sempre, não para resolver disputas mas para reger corações permanentemente.
3. Haverá uma Nova Jerusalém (Apoc. 21.2). A nova capital que reunirá à sua volta todos quantos da humanidade confiaram no Senhor e que viverão eternamente com Ele. **FIM**



ESCATOLOGIA E CIÊNCIA

por Paulo Brito da Luz



fotomontagem osvaldo castanheira

Os acontecimentos proféticos de dimensão apocalíptica e os vários domínios da “ciência” têm crescentemente traços comuns. Nesta perspectiva e observando o cenário da atualidade, cumprem-se as revelações de registos bíblicos com muitos séculos de história.

NESTE MESMO DOMÍNIO DA HISTÓRIA, como componente das “ciências sociais e humanas”, verificamos que a criação política do Estado de Israel, em 1948, vem confirmar o que muitos profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Zacarias) e Jesus Cristo assinalaram nas Escrituras sobre o retorno (mais um) dos Judeus. De um remanescente de alguns milhares, ao longo de quase vinte séculos, passaram para milhões no decorrer do séc. XX. Vivendo com fé nas profecias, este povo ansiava, desde o exílio, que se cumprisse um desejo manifestado ano após ano na altura da Páscoa, nas muitas nações em que habitava: “no próximo ano em Jerusalém”.

Na verdade, sobre Jerusalém, são muitas as profecias que se têm

cumprido e que revelam aspetos admiráveis. À escala global das civilizações, esta cidade tem tido um lugar de destaque. Desde os grandes impérios da Antiguidade, descritos por Daniel, até ao Império Otomano, a cidade de Jerusalém, mesmo ocupada ou desprezada, sempre foi parte dos seus mapas geográficos. Relembremos o período do Império Romano, quando as ilustrações de Jesus sobre a “figueira” (Jerusalém) em Mateus 24 e Lucas 13 nos trazem a percepção do lugar central da cidade santa nos acontecimentos associados à sua segunda vinda. A passagem de Lucas 21 revela que: “Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem” e Jerusalém é desde 1980 frontalmente (e como afronta para o mundo) a capital do Estado de Israel. Mas, já em períodos anteriores à primeira vinda de Cristo, o profeta Zacarias destaca nos últimos capítulos a importância de Jerusalém nestes acontecimentos; os povos, as nações e as guerras que se referem são claramente para uma ordem cronológica atual. Ainda mais atrás, o profeta Isaías tem também uma visão muito interessante sobre aspetos do retorno dos Judeus a Israel/Jeru-

por Christian Willi em
Christianisme Aujourd'hui



ACREDITA NO CÉU E NO INFERNO?

Um denso nevoeiro paira sobre a ideia de vida após a morte. As opiniões divergem e, por trás delas, a busca por um significado permanece inalterada ao longo de séculos e culturas.

A vida após a morte representada pelas imagens cristãs populares já não é popular. Não vai longe a época em que os grandes evangelistas ainda anunciavam o Evangelho colocando o público diante da escolha entre vida e morte, paraíso ou inferno. Hoje, os pregadores colocam maior en-

fase na transformação da nossa vida aqui na terra.

O teólogo anabatista Claude Baecher não está surpreendido.

A partir daí, afirmar que esta mudança de mensagem é responsável pelas crenças populares, é difícil de afirmar.

salém, escritos no capítulo 60 do seu livro. Pode ser entendida como a descrição de um “processo” Divino em que a cidade vai recebendo “glória e luz”, “o Senhor vem surgindo” e “os filhos virão de longe”. Curiosamente, Isaías revela com total compreensão que esses filhos virão em navios, mas, no versículo 8, poderá ter ficado surpreendido com o que também visionou: **“Quem são estes que vêm voando como nuvens, e como pombas aos seus ninhos?”**. A “ciência náutica” já era conhecida, mas a “ciência aeronáutica” ainda iria demorar muitos séculos para dar os primeiros passos. Esta dinâmica dos transportes está de alguma maneira envolvida nas “ciências sociais” e também nas profecias. O conhecido versículo 4 do capítulo 12 de Daniel refere relativamente ao fim do tempo: “muitos correrão de uma parte para outra”. Esta expressão encaixa perfeitamente no que se passa com a designada “globalização”. Nomeadamente em Portugal, poucos devem ser aqueles que nunca viajaram longas distâncias, ou mesmo que não tenham familiares (filhos, sobrinhos, primos ou tios etc.) que já “correram” daqui para viver noutra parte. Voltando a Isaías (capítulo 41:17-20), podemos também relacionar tempos proféticos com “ciências biológicas-agrícolas”. Com o ressurgimento da nação de Israel, zonas áridas e desérticas estão a transformar-se em áreas de plantações. Muito interessante é ainda o facto de, após séculos de práticas agrícolas ancestrais, um inovador e eficiente método de rega ter contribuído para essa nova paisagem: gota-a-gota, criado precisamente em Israel.

Trazendo alguma reflexão mais para as “ciências exatas”, que enquadram disciplinas como a matemática e a física, constata-se que desde a antiguidade muito conhecimento e desenvolvimento foi necessário, tanto para conceber equipamentos e estruturas, como as pirâmides do Egito (citada como uma das grandes maravilhas do mundo e do génio humano), como para algum entendimento do Universo de que fazemos parte. Nestas ciências, o que se tem descoberto nestes últimos anos é verdadeiramente assombroso e está de acordo com o que está escrito para os últimos tempos, também em Daniel (12:4): “a ciência se multiplicará”. A análise de algumas dessas descobertas permite-nos, por um lado, perceber melhor a Glória de Deus, mas por outro, a razão de acreditarmos que vivemos tempos dramáticos e reveladores que a vinda do Senhor está próxima. Assim, a “ciência espacial” revela-nos que o Universo tem biliões de galáxias cada uma com biliões de estrelas (o que se pode entender lendo

o versículo 1 do Salmo 19). Como explicar o seu surgimento? Uma das teorias tenta explicar que, relacionando a matéria-energia com um plano espaço-tempo, este infinitamente grande teve origem no infinitamente pequeno. Ora, é interessante que estas teorias abordem conceitos que a Bíblia revela sobre Deus: sem princípio e eterno, não limitado por espaços ou tempos (“um dia são como mil anos e mil anos como um dia” – II Pedro 3:8). O cientista britânico Stephen Hawking afirmou que o que havia antes de uma grande explosão (“big bang”) para a existência do Universo era basicamente... nada. Outros cientistas têm afirmado que antes do Universo existir alguma “informação” tinha que pré-existir e, ainda, que o Universo, a Terra e a vida estão regulados com uma precisão inimaginável. Só podemos concluir que não há explicação fora da revelação bíblica, de acordo com Hebreus (11:3): Pela fé, entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus (o Verbo, a Verdade que revela a tal “informação” que a ciência necessita), de maneira que o visível não foi feito do que se vê (o “nada” para o qual a ciência não tem explicação). Com base no desenvolvimento das “ciências dos computadores e da informação”, recentes pesquisas sobre processos biológicos têm proporcionado avanços notáveis no conhecimento dos “códigos” dos seres vivos (integrados na informação genética do ADN), que **permitiu concluir (e para espanto de muitos)... que toda a humanidade descende de um só casal**. No entanto, o lado menos maravilhoso e verdadeiramente assustador da ciência que se multiplica é também observado. Cientistas avançam para a manipulação desses códigos genéticos nos embriões humanos (como já se fazia em alguns animais e plantas), podendo alterar a verdadeira naturalidade da vida. Também estamos a ser identificados e controlados por códigos externos (“chips” e cartões com nomes e números) e internos (mão, voz, íris do olho etc.), e estes factos vêm demonstrar que o que está descrito em Apocalipse (13:16-17) já existe. A ciência e a Bíblia têm expectativas muito negativas para estes próximos (e últimos) tempos: as nações, as sociedades, os poderes políticos e económicos e a própria natureza estão em crise. Teme-se, e divulga-se constantemente, um crescimento sem precedentes dos riscos associados a alterações climáticas e catástrofes ambientais, a sociedades corruptas com perda de valores (II Tim. 3), à injustiça e desigualdade (Tiago 5), ao terrorismo, a guerras e rumores de guerras (Mateus 24). **A esperança está em Cristo. Maranata.** 

A vida após a morte é um conceito nebuloso.

A pesquisa mostra, em qualquer caso, uma verdadeira confusão. O teólogo lembra-nos, no entanto, que isto não é novo. “Sempre foi assim. Hoje, não sabemos muito o que pensar sobre destinos eternos. Há uma grande confusão entre um lugar na “morada dos mortos” e, para usar imagens bíblicas, um “lugar na escuridão e sofrimento” tragicamente possível, como a Bíblia ensina.

O teólogo acrescenta que essa pesquisa mostra mais uma vez a dificuldade que a população sente em conciliar o julgamento divino e a eterna maldição que um Deus de amor apoiaria.

Uma pergunta inevitável

“No entanto, se há uma questão a que a nossa geração não pode escapar, é esta:” Como explicar que a história tem significado apesar do mal? Se é normal que um Tribunal Internacional de Justiça con-

dene tiranos e perpetradores de genocídio, como não acharmos normal que o Deus da vida faça o mesmo?”, questiona o teólogo.

Amanhã, ainda acreditaremos no inferno ou no paraíso? E as nossas interpretações da vida após a morte? Serão elas importantes para o futuro da fé e em geral para o futuro do cristianismo? Claude Baeher não está preocupado. Pelo contrário: “O que acontece depois da morte não é o ponto central da revelação cristã. Eu até acho que, transformá-lo no ponto focal, nos distrai do Evangelho e dos seus ensinamentos. O fundamental é a proposta graciosa de uma transformação moral aqui e agora através de Jesus Cristo - que, naturalmente, terá repercussões na vida e no “mundo por vir”.

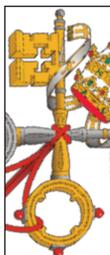
“A alavanca não é o medo, mas o amor restaurador de Deus”.

FIM

1

NÃO, À IDEIA DE QUE, NA IGREJA, HAJA CLÉRIGOS E LEIGOS

por José Carlos Oliveira



Para o número 167 de outubro /dezembro de 2017 o irmão José Carlos Oliveira foi convidado a escrever um texto sobre os 30 anos do REFRIGÉRIO tendo referido a certo passo: “*Seria de grande utilidade que as linhas mestras que estiveram na génese do “movimento dos irmãos” copiadas (a meu ver) da igreja do primeiro século, fossem dadas a conhecer pela publicação aos mais novos para que (apesar das inevitáveis influências) eles aprendessem a preservá-las nas igrejas locais*”.

Não quisemos deixar passar a ideia, e por isso convidámos este nosso irmão, e iniciamos neste número uma série de 5 textos relativos ao assunto.

Na igreja do primeiro século, era inteiramente desconhecida a ideia da separação entre clero e leigos, entre sacerdotes (ou sucedâneos) e os restantes membros.

Como já tive oportunidade de escrever no Refrigério nº 167, o Novo Testamento destaca que TODOS os membros do corpo de Cristo são um sacerdócio santo (I Pd.2:5; Ap.5:10) presidido pelo sumo-sacerdote, Jesus Cristo (Hb.8:1).

Quando o movimento conhecido por “Irmãos” teve início, incluía membros da igreja oficial, na Irlanda e em Inglaterra, descontentes com a situação a que ela tinha chegado, com uma liderança cada vez mais afastada dos membros, num marasmo e frieza mais que evidentes. Foi, também, tendo isto em conta que aquele movimento sempre pautou o seu funcionamento sem esse tipo de divisão. O seu início é, por isso, marcado pela simplicidade, espelhada na forma

de liderança imprimida por aqueles que o Senhor indicava para guiarem as igrejas. Estes, apesar de não serem perfeitos, procuravam manter sempre os seus olhos postos no que a Escritura ensinava, e era isso que procuravam levar à prática. O ato, por eles muito valorizado, de repartir o pão e o cálice a todos quantos estivessem identificados com Cristo, era feito por líderes da igreja que não tinham sido alvo de qualquer tipo de ordenação. Seguramente, aqueles pioneiros sempre se opuseram a que se confundisse, por exemplo, pessoas com cargos de responsabilidade (liderança) ou com determinados dons (como os do ensino e/ou pregação) com líderes ordenados, merecedores de títulos que os distinguissem dos demais membros da Igreja. John Darby, que para o bem e para o mal, se viria a tornar num destacado líder do movimento e que (na Igreja Anglicana) tinha exercido funções para as quais foi ordenado clérigo, passou a agir absolutamente despido de títulos e “vestes clericais”.



Os nossos agradecimentos às igrejas e aos que a nível individual nos têm feito chegar documentos que a pouco e pouco vão enriquecendo este centro.

Teremos em breve necessidade de alguém com experiência de classificação de documentos escritos, por exemplo bibliotecário para nos ajudar neste aspeto. Para qualquer assunto poderão contactar: região Norte o irmão João Tomé: joaopmtome@gmail.com ou 930 502 222 ou a Sul, Osvaldo Castanheira: osvaldesign@gmail.com ou 963 077 140.



União Bíblica - Cartão de Membro - 1951

Contém informação detalhada sobre os seus princípios, bem como plano de leituras para os 365 dias do ano. Assinado Ingleby, como secretário honorário da Filial.

Formato fechado 12,6x7,8 cm
Formato aberto 23,3x12,6 cm

Não estou, é claro, a defender igrejas sem liderança. Recordamos que, no início, os apóstolos (que tiveram papel preponderante entre os crentes, enquanto aqueles tinham de viver sem o Novo Testamento escrito) orientavam as igrejas locais no sentido de escolherem (guiados pelo Espírito Santo) anciãos, também chamados de bispos ou presbíteros (termos com origem nas palavras gregas episkopos e presbuteros). Estes eram, de facto, os líderes das igrejas, que algum tempo mais tarde passaram a ter a ajuda dos diáconos que se dedicavam às causas mais práticas. O funcionamento das igrejas locais, tendo à sua frente um complicado sistema clerical, é uma prática que começa a introduzir-se na igreja com o desaparecimento dos apóstolos, fruto já de muitos desvios da simplicidade original, desvios que começam a ser ampliados a partir de finais do século III. A reforma protestante, apesar do muito que conseguiu, não produziu igrejas totalmente livres de erros. Na matéria em apreço, apesar de Lutero e Calvino terem defendido o sacerdócio de todos os salvos e a existência de apenas dois sacramentos (batismo e ceia do Senhor), as igrejas reformadas mantiveram uma certa divisão entre clero e leigos. Se assim não fosse porque é que os seus “reverendos”, ainda hoje, se vestem de forma diferente dos restantes fiéis? Onde é que, no Novo Testamento, encontram base para se vestirem assim? Tudo indica que nos primeiros cinco séculos da igreja os líderes se vestiam como qualquer membro. É claro que a espiritualidade não se pode definir pelo ato de se vestir ou não vestir “traje clerical”, mas quem pode negar que esse ato (por mais insignificante que pareça) não constitua, em si mesmo, uma barreira capaz de fazer a separação entre clero e leigos? Não queremos, obviamente, condenar quem o faz (todos nos merecem respeito). Foi, de resto, sempre timbre dos “Irmãos” respeitar quem com eles não concorde, mesmo que quem deles discorda não retribua a atitude.

Mesmo a prática, tão bem aceite, de que à frente de uma igreja local deva estar UM pastor, apesar de poder parecer mais funcional, não se coaduna, no nosso entender, com o exemplo inicial da igreja que

primava por lideranças plurais. Paulo, por exemplo, ao viajar rumo a Jerusalém (onde acabará por ser preso e depois mandado para Roma) parou em Mileto e mandou chamar, não “o pastor” mas sim OS ANCIÃOS da igreja de Éfeso, dizendo-lhes que o Senhor os tinha constituído BISPOS para apascentarem (pastorearem, guiarem) o rebanho de Deus (Atos,20:17-28). De resto, segundo o ensino do Novo Testamento, a palavra pastor (do grego poimen) descreve um dom dado à igreja e não, necessariamente, um cargo de liderança (Ef.4:11).

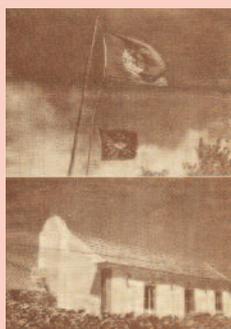
É um facto que, através dos séculos, sempre houve seres humanos dispostos a introduzir novas fórmulas de funcionamento na vida das igrejas, demonstrando uma enorme tendência de “fugir a sete pés” da forma original que foi implementada pelos apóstolos que, digo eu, deveriam estar muito mais capacitados do que qualquer grande teólogo dos tempos modernos para nelas implementar a vontade de Deus. É claro, e todos o sabemos, que nem a igreja do primeiro século funcionou de forma perfeita, afinal a igreja sempre se compôs (e sempre se comporá) de seres humanos falíveis, contudo (podemos dizer sem medo de errar) NUNCA a igreja funcionou (ou irá funcionar) de forma tão maravilhosa e produtiva como naquela altura, apesar de não possuir as ferramentas que hoje possuímos. Porquê, então, alterar a sua estrutura? Com que objetivos e, sobretudo, com que autoridade? Esta questão poderá parecer, à primeira vista, sem grande importância mas, se tivermos em conta a história da Igreja, seremos lembrados que quando se permite um pequeno desvio de parte da verdade bíblica é impossível avaliar até que ponto esse pequeno desvio acabará por vir a inquinhar a verdade no seu todo. É por isso que defendo que as novas gerações, nas Assembleias, devam manter um olhar (e estudo) mais atento do Novo Testamento para que, sem sombra de dúvidas, tenhamos a certeza de que as igrejas locais estão, estritamente, a seguir a Palavra e não sucumbem às modas que, importadas ou não, por aí surjam.

Não queiramos saber mais do que o Novo Testamento. **FIM**



União Bíblica - Campos Bíblicos - 1957

Opúsculo com 16 páginas no formato 12x9 cm
 Refere 3 centros de Campos em Carrascal-Sintra, Gulpilhares-Porto e Vila Nova de Milfontes.
 Inclui boletim de inscrição bem como diversas fotos dos campos e campistas.



União Bíblica - VII Colóquio - 1974

Diptych no formato 15x10,5 cm
 Tema: “Os Jovens e a Sociedade em Crise”
 Oradores: Dr. Juiz José Bravo. Psicólogo José Gonzalez Campa (*Espanha*), Pastor Augusto Esperança e Pastor Abel Rodrigues

7ª LIÇÃO

LIÇÃO 7 DE UMA SÉRIE DE 8

“O QUE PODE
A IGREJA FAZER
PELOS NOVOS CASAIS
QUE VÃO SER PAIS?”

CONTINUAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

ESTÁ A APROXIMAR-SE o momento do parto. O parto é o primeiro momento da vida do indivíduo fora do útero

materno. É o momento em que o bebê deixa o útero para experimentar novas sensações, para experimentar a caminhada da vida. Nós vamos ser os instrutores (os “personal trainers”) durante muitos anos e estamos realmente prontos para isso? Então vamos exercitar um pouco mais, para ficarmos melhor preparados.

Vamos voltar ao exercício da comunicação:

Quando estamos cansados, ou impacientes, a nossa tendência é o ataque. Na comunicação utilizamos com frequência o pronome “tu”, a maior parte das vezes, respondendo: “tu também isto” ou “tu também aquilo”. Por exemplo: “tu chegas sempre tarde”, “tu não me ajudas” ou “tu não me compreendes”.

O nosso cônjuge não tem outra alternativa senão sentir-se culpado e ficar na defensiva. Estamos a preparar um ninho doce para o nosso bebê. Vamos mudar a nossa gramática. Terá um efeito completamente diferente se usarmos o “eu” para explicarmos o que sentimos. Por exemplo: “Eu sinto-me tão preocupada/o que tendo a ficar irritado/a quando vens tarde.”; “Eu sinto-me melhor quando me ajudas, sinto-me mais apoiada e desejo-te mais.”; “Eu penso que não consegui expressar-me bem.”

O eu não coloca o outro na defensiva. Não há vantagem nenhuma em atacar o nosso cônjuge. A comunicação não é o que dizemos, mas é o que o nosso cônjuge entende que nós dissemos. Agora, como é que vamos mostrar ao nosso cônjuge que percebemos a mensagem? Houve um sábio que disse que Deus deu-nos dois ouvidos e uma boca e isso certamente quer dizer alguma coisa. É importante ouvir.

Por exemplo: O casal tem uma cerimónia de casamento no dia seguinte. Ela planeou levar aquele vestido verde que fica muito bem com a gravata verde do marido e até já tinham falado nisso. Ele concordou e achou a ideia brilhante.



por
Leta Farinha

É sábado à noite e ela vai ao roupeiro para tirar o vestido e preparar tudo atempadamente para domingo de manhã. Tira o vestido e descobre que tem uma mancha. Ela num desânimo inconsolável diz ao marido: “Olha só o que aconteceu! Agora já não posso levar o vestido que faz conjunto com a tua gravata.” Ele como é simpático responde: “Deixa lá querida, ninguém vai notar. Leva o vestido azul que ficas bem.” Nesta situação o marido está a tentar ajudar, mas ele não ouviu. Estava mais preocupado em resolver o problema do que em entender o que a esposa estava a sentir. Atenção maridos: as mulheres são mais emocionais e

valorizariam algo como: “Oh! que pena! Deves estar bastante triste, mas não deixes que isto estrague o nosso dia. Tu és tão bonita que qualquer outro vestido te fica bem!” Agora uma chamada de atenção para as esposas: também é necessário fazer um esforço para entender o lado prático dos maridos. Não é falta de sensibilidade, é simplesmente assim.

Tentemos compreender as diferenças entre homens e mulheres. Os homens e as mulheres são muito diferentes, os nossos papéis podem mudar, mas as nossas mentes não. Mesmo que o comportamento do outro sexo seja diferente do nosso, ele não está errado. É necessário aceitar as diferenças, mudar as nossas expectativas e aceitarmo-nos um ao outro.

Numa pesquisa feita chegou-se à conclusão que as mulheres falam, em média, 10 000 palavras por dia, enquanto os homens falam 3 000. Deus fez assim, está bem feito. As mulheres são mais atentas ao pormenor e os homens mais práticos. Por norma, as mulheres con-

versam para formar e solidificar relacionamentos. Os homens tendem a usar as palavras para comunicarem os seus conhecimentos e capacidades e revelarem informação. A mulher tem, geralmente, um discurso afetivo e o homem um discurso informativo.

E o que tem isto a ver com a comunicação no casamento? Muito. Em termos simples, a mulher partilha os seus sentimentos e o marido resolve os problemas. Então é necessário compreendermos os dois estilos e desenvolver a habilidade de comunicar com o cônjuge.

Existem três palavras mágicas na arte da comunicação que, quando são usadas com sinceridade, são valiosíssimas: “Eu errei”, “Perdoa-me”, “Amo-te”. Pedir desculpa é uma ferramenta poderosa para resolver questões e estreitar mais os laços do amor.

Há, no entanto, formas erradas de pedir desculpas:

“
Mesmo que
o comportamento
do outro sexo seja
diferente do nosso,
ele não está errado.
É necessário aceitar
as diferenças,
mudar as nossas
expectativas e
aceitarmo-nos
um ao outro
”

1. "Se te ofendi, desculpa".

É claro que ofendeu. Pode até ter sido sem intenção, mas ofendeu. A forma correta seria: "Não tive intenção, mas percebo que te magoei, por favor, perdoa-me."

2. "Estás zangado? Vamos esquecer o assunto e seguir em frente."

Esta forma de pedir desculpa é um instrumento de manipulação. A desculpa sincera na relação só acontece quando o elemento do casal assume a sua responsabilidade. Todos os casais precisam de um mecanismo de cura. Saber "como" e "quando" dizer que se sente muito e se está arrependido, pode fazer muita diferença.

Gostava de deixar alguns pontos para reflexão.

- Quais são os seus pontos fortes e os fracos para ter uma boa comunicação?
- Consegue lembrar-se de uma conversa que teve com o seu cônjuge que resultou em conflito e mágoa? O que faria diferente se isso acontecesse agora?
- De que forma as afirmações com "eu" em vez de "tu" afetam a comunicação?
- Sabendo que por norma os homens têm um discurso mais informativo e as mulheres mais afetivo, pense em exemplos da sua própria experiência. O que vai fazer para que exista mais harmonia? **FIM**



ilustração de Tizra Vogel

PRÉMIO NOBEL DA PAZ 2018 é um cristão evangélico



Na segunda-feira, 10 de dezembro, o Dr. Denis Mukwege recebeu em Oslo o Prémio Nobel da Paz, junto com Nadia Murad, representante da comunidade Yezidi. "O homem em quem as mulheres se refugiam" fez várias intervenções. Antes de tudo, pela construção da paz no seu país, a República Democrática do Congo, que passa por "um sofrimento que envergonha toda a humanidade". Este cristão evangélico pediu que os nomes dos perpetradores dos crimes contra a humanidade no Congo fossem revelados a fim de evitar que continuassem a atormentar esta região. Pediu igualmente a criação de um Fundo Global de Compensação para Vítimas de Violência Sexual em conflitos armados. Pediu ainda à comunidade internacional que considere o seu Relatório do Projeto de Mapeamento e as suas recomendações sobre violência sexual no Congo.

licc.

IBP-AEE

grupo bíblico adventista

ASPEC

aliança evangélica portuguesa

Transformando o Trabalho

Uma conferência para apoiar os trabalhadores.
Fundamentada no livro de Ester.

Se pretende descobrir novos caminhos para viver a diferença que Jesus opera, esta conferência irá inspirá-lo e encorajá-lo.

Os estudos sobre o livro de Ester irão ajudar-nos a compreender o alcance do ensino bíblico sobre o ambiente de trabalho enquanto que os seminários explorarão o escopo do nosso papel e impacto.

Observaremos como Deus pode trabalhar no nosso quotidiano, como podemos ter a certeza de que Jesus é uma boa nova para as pessoas que se cruzam connosco, boa nova para as coisas que fazemos e boa nova para a atmosfera laboral onde nos inserimos.



Local: IBP (Instituto Bíblico Português)
Encontro: Sábado, 16 de Fevereiro 2019

Com Ruth Walker do LICC

entrevista a MARK MEKELBURG 1ª PARTE

INTRODUÇÃO

Quem não o conhece, imagine um ser capaz de nos pôr a rir ou chorar em poucos minutos com uma mensagem simples do Evangelho ou a dar uns momentos de alegria a uma criança com cancro, num hospital. É capaz de o sensibilizar mais e melhor em cinco minutos do que muitas pregações que demoram quase uma hora. O seu português continua “um pouco deficiente” mas ele não precisa de nenhuma palavra para chegar ao fundo do mais profundo do nosso ser.

Um dia deveria convidá-lo para ir à sua igreja, não para enfeitar um culto mas para entregar uma mensagem importante de afetos e Salvação... sem palavras.

REF. Onde nasceste?

M.M. Denver, Colorado, EUA.

REF. Como foi a tua infância?

M.M. Com poucas dias, tinha icterícia. O médico deu-me 2 hipóteses: Uma foi fazer tratamentos, mas tinha 50% chance de sobreviver e correria o risco de danos cerebrais. Muita gente pensa que tenho. O outro foi fazer uma transfusão de sangue completa e também tinha 50% chance de sobreviver. Meus pais escolheram a segunda, pediram ao pastor Luterano para baptizar-me, fizeram a transfusão e passei 6 semanas numa incubadora. A partir daí, diria que foi muito normal e ocupada com tanta coisa desde as brincadeiras aos trabalhos. Sou o mais novo de 9 irmãos, tornei-me tio com 23 dias. Vivíamos no subúrbio

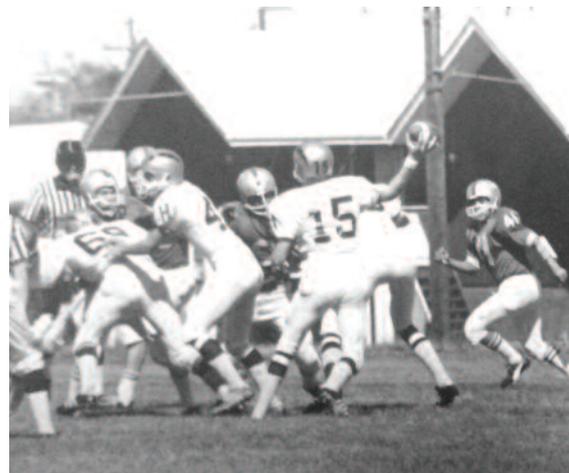
bio rural sempre com muitos animais. Cães, gatos, cavalos, galinhas, coelhos, etc. Enfim, quase era a quinta do velho McDonald e a gente precisava de cuidar de todos eles! Já tenho 29 sobrinhos, 66 sobrinhos-netos, mais que uma dúzia de sobrinhos-bisnetos e alguns sobrinhos trisnetos. Podes imaginar como eram as visitas na minha casa na altura. Gostava muito de pescar e acampar nas montanhas participando nos escuteiros. A nossa família tomou conta da igreja e escola primária Luterana que frequentei fazendo todas as limpezas e manutenção desde o quarto até ao décimo primeiro ano. Cresci assim sempre a trabalhar, a estudar e a aprender da Bíblia na Escola Dominical, nos cultos e na escola.

REF. O que querias ser quando fosses crescido?

M.M. Gostava muito de todo o ambiente escolar, sempre tive boas notas, gostava muito de desporto, competição, claque e actividades extracurriculares como o coral e peças de teatro. Queria ser professor e treinador.

REF. Onde estavas na tua juventude?

M.M. A partir da quinta classe, comecei a praticar desporto de competição, “flag-futebol” (uma versão não violenta de futebol Americano), vôlei, basquete e atletismo. Na escola secundária, comecei a jogar mesmo a sério o futebol Americano, larguei o basquete para fazer luta livre e fiz salto à vara no atletismo. Cantei no coral acapela da escola e mais tarde num grupo de 8 cantores. Particpei em actividades extracurriculares como drama e discurso. Claramente tinha uma juventude normal com a procura de namorada, grupos de amigos e convívio. Tirei a carta com 16 anos. Graduei-me na escola secundária com honras e uma bolsa para a faculdade. Continuei a participar em actividades da igreja e até em algumas participações em ministério com outros jo-



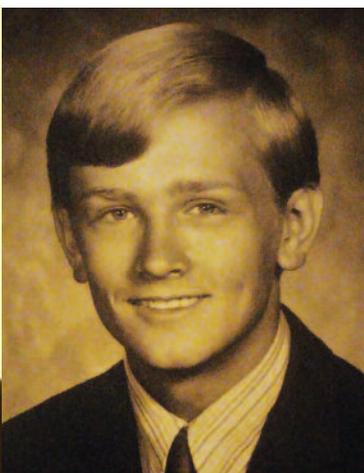
vens. Trabalhava com o meu pai durante os verões. Frequentei uma faculdade Luterana e tirei a licenciatura para ser professor na escola secundária nas áreas de Inglês e drama. Apesar de continuar a praticar desporto durante quatro anos e meio, apaixonei-me pelo teatro. No verão nos últimos dois anos, cantei com um grupo de dezasseis cantores e uma banda acústica. Cada verão viajávamos à volta de dezasseis mil quilómetros em oito semanas e dávamos cinquenta a sessenta concertos. Acho que foi nesta altura que eu comecei a gostar do trabalho e ministério itinerante. Gostava de viajar, conhecer outras pessoas e lugares, dormir em qualquer sítio e comer um pouco de tudo! Dei aulas durante um ano em Nova Orleães, Luisiana. Estava apaixonado pelo teatro e decidi tentar seguir uma carreira no teatro. Se não desse, sempre poderia voltar a dar aulas. Não ganhei dinheiro no teatro e trabalhei numa loja para pagar as contas. Comecei a ter boas experiências e oportunidades. Comecei a afastar-me dos caminhos do Senhor apesar de continuar a frequentar a igreja local. Entretanto surgiu uma oportunidade para trabalhar como palhaço. O palhaço entrou na minha vida e recusou-se a sair. Comecei a ter mais sucesso, mais reconhecimento, mais oportunidades e continuei a afastar-me dos caminhos do Senhor. Chegou uma altura em que percebi claramente que estava no caminho errado.

Sem entrar em todos os pormenores, com vinte e nove anos, Deus demonstrou a Sua graça ao trazer uma rapariga na minha vida e, como amiga, levou-me a ser confrontado com a realidade de onde eu estava e onde eu realmente queria estar. Acreditava que Jesus era o Senhor, que a salvação era só pela fé, só pela graça e apenas baseada na Palavra de Deus. Ela fez-me duas perguntas: 1) Se Jesus era o Senhor da minha vida e 2) Se tinha uma relação pessoal com Jesus Cristo. Eu perguntei-lhe o que queria dizer com “uma relação pessoal?” Ela respondeu que era como conhecer Ronald Reagan, que era o presidente na altura. A gente via-o na televisão, ouvia-o no rádio, lia sobre ele nos jornais e revistas e sabia muito a respeito dele, mas não o conhecia pessoalmente. Lutei com estas duas questões durante três meses, apenas entre Deus e comigo mesmo, e cheguei à conclusão que Jesus não era o Senhor da minha vida e que não tinha uma relação pessoal com Ele. Sozinho em casa, ajoelhei-me e pedi a Jesus para ser o Senhor da minha vida, para me fazer o tipo

de pessoa que Ele queria que fosse e para me ajudar a desenvolver uma relação pessoal com Ele.

REF. Como vieste parar a Portugal?

M.M. Vim de avião. Um mês depois de tomar esta decisão, Deus já estava a trabalhar, sem eu perceber o quanto. Entrei num de quatro autocarros para viajar dezoito horas para uma conferência Cristã. Não conhecia ninguém mas estava interessado no ministério de drama da entidade organizadora. A viagem transformou-se numa viagem de cinquenta e seis horas devido a tempestades de gelo e neve em toda a parte central e sul dos EUA e um acidente de um dos autocarros. Bem, cheguei a conhecer algumas das pessoas, duas raparigas e um rapaz. Um ano mais tarde, eu fazia parte da equipa de sustentadores do rapaz como um missionário para Lisboa, Portugal, onde ele ia trabalhar com estudantes internacionais na universidade. Um ano depois, o emprego que eu tinha terminou e eu comecei a procurar o que Deus tinha planejado para mim. O meu amigo voltou de Portugal no princípio do verão, eu expliquei a minha situação e ele disse-me que havia uma escola internacional Cristã em Cascais, Portugal, que precisava de um professor para a terceira e quarta classe e que falasse em Inglês. Eu disse-lhe que era interessante e que ia pensar e orar sobre o assunto. A verdade é que não tinha interesse nenhum, nem pensei e nem orei! Aprendi que Deus é um *gentleman*. Criou-nos com uma vontade livre e respeita a nossa vontade. Depois de eu andar quase três meses “à procura da vontade de Deus” em outros sítios e a fazer outras coisas, eu fiquei completamente confuso e frustrado. Já era o fim de Agosto e o dinheiro estava a acabar. O meu amigo ligou-me, eu contei a minha história triste e ele disse-me, “Bem, a escola em Cascais, Portugal, ainda está a procura de um professor.” Era como Deus estivesse a tocar-me no ombro e a perguntar “Estás interessado agora?” Ai-ai-ai-ai!!! Bati nesta porta da missão que supervisionava a escola, inscrevi-me como candidato, fui para uma semana de formação, fui aceite e comecei a angariar fundos como missionário. Disseram-me que normalmente demorava por volta de doze a dezoito meses para angariar todos os fundos para tempo inteiro. Já era Setembro e as aulas estavam prestas a começar. Cheguei a Portugal na primeira semana de Novembro, nem três meses depois, com todo o sustento para os oito meses em que teria que ficar em Cascais.



REF. Porquê e para quê?

M.M. Vim para dar aulas na International Christian School of Cascais. Na escola falava-se em Inglês e, por isso, foi fácil entrar num outro país com uma outra cultura e língua. Apesar de ter estudado para ser professor na escola secundária nas áreas de Inglês e Drama, era necessário dar todas as disciplinas nesta escola. Tinha 1 aluno na 3ª classe que falava fluentemente Francês, Espanhol, Português e Inglês e 5 alunos na 4ª classe de 4 países diferente: Maui África, Coreia do Norte, Irão e EUA.

Durante esse ano, vim a conhecer a Mocidade Para Cristo quando Moisés Gomes, o director nacional da MPC na altura, veio pregar na Igreja Internacional em Cascais. Ele mencionou que eles tinham, entre vários ministérios, um ministério de drama. Eu fiquei com interesse logo e fui falar com ele no fim do culto.

REF. Em que igreja te integraste e porquê?

M.M. Como já atrás referi, cresci na igreja Luterana. Quando vim a Portugal a primeira vez em 1985, frequentei a Igreja Internacional em Cascais onde estava a escola. Depois, quando voltei em 1990, fiquei com o Dale Chappel, o director da MPC nessa altura, durante quatro meses e comecei a frequentar a Igreja Independente em Algés. Ao fim do primeiro ano, pela necessidade de sair do apartamento onde estava, comecei a viver em Sintra e a frequentar a Igreja Evangélica de Sintra.

REF. Teve alguma coisa a ver com amores?

M.M. Aaaaaaa, como é que sabias disso?!?! Deus conhece-nos tão, tão bem que usa coisas simples até para atrair e guiar-nos na Sua vontade e planos. Como disse, precisava de sair do apartamento onde estava e divulguei a informação através da MPC. Duas jovens irmãs que viviam em Sintra disseram-me que a sua avó viúva de oitenta e dois anos tinha um quarto disponível em Sintra. O escritório da MPC ficava em Anjos em Lisboa. Eu só pensava no inconveniente de ida e volta todos os dias entre Sintra e Lisboa. Então, decidi ver o quarto mas depois iria explicar que não dava por causa da distância. A casa ficava dois minutos ao lado da estação de comboio, mesmo em frente à serra. A casa e o quarto não eram nada especiais mas quando saía da porta e olhava em cima, via a serra e o Castelo dos Mouros. Sempre gostei de história na escola. Nos EUA não há castelos! Bem, decidi que podia aguentar viver lá durante algum tempo. Como resultado,

comecei a frequentar a Igreja Evangélica de Sintra. Tinha a ver com amores, sim. Deus usou o amor por castelos para levar-me lá aonde eu conheci uma jovem, uma amizade e um amor com a Eunice dos Santos, a minha mulher.

REF. Lembro-me de ti completamente envolvido nas atividades criativas da Mocidade para Cristo. O que recordas desses tempos?

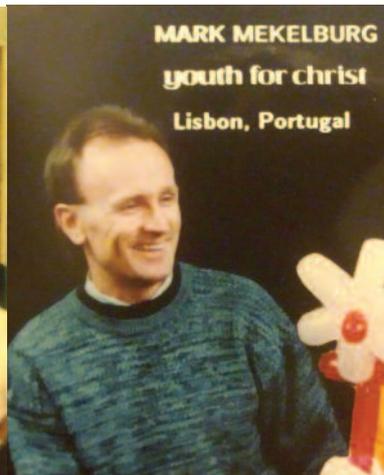
M.M. Foi uma mistura incrível de trabalhar com colegas envolvidos em ministério das artes da música, drama, mímica, dança, artes plásticas e gráficas bem como a escrita em prosa e poesia. De repente, eu estava imerso nesse mundo para servir a Deus. Foi um desafio enorme por causa da barreira da língua mas, por outro lado, obrigou a concentrar-me mais na área do palhaço e especialmente da mímica. Lembro-me da primeira vez que tentei apresentar uma pequena cena dramática em Português e tinha tanta dificuldade em dizer a palavra “nevoeiro”!!! Mas talvez as melhores memórias tenham a ver com a peça da mímica que criamos no verão de 1990 baseada na canção de Carman, “The Champion” (O Campeão). Levamos a peça para a Irlanda de Norte com uma equipa de jovens, e apresentámo-la no Teatro Maria Matos num programa especial da MPC depois de Natal. Durante os dez anos seguintes, apresentamos peças em igrejas aqui em Portugal e ensaiei grupos de jovens da MPC noutros países de Europa e Brasil, incluindo uma apresentação na Convenção Internacional da MPC em Chicago nos EUA em 1993.

REF. Tens feito maravilhosos sketches de mímica em cultos e ocasiões especiais: Onde te inspiras? Achas que as pessoas valorizam esse tipo de arte?

M.M. A inspiração vem de outros artistas, outras peças, histórias, canções e experiências pessoais e de outras pessoas. Acho que a mímica foi muita valorizada durante muitos anos na sociedade Europeia e nos EUA. Com o tempo, muitas igrejas começaram a valorizar esta arte, como muitas outras, especialmente durante os anos 1970-2000. Hoje em dia, já não tanto. Creio que, quando bem feito, capta as pessoas numa forma incrível por usar activamente a sua imaginação e aparentemente vendo realidades que, de verdade, não existem realmente na sua frente mas sim, na sua imaginação.

REF. Com quem aprendeste o que sabes?

M.M. A maior parte do que tenho aprendido tem sido por fazer.



Aprendi a representação com encenadores em peças de teatro e com outros actores, a assistir a teatros e filmes, em workshops e alguns livros. Aprendi encenação ao fazê-la e tentar lembrar o que aprendi com os meus encenadores e colegas. Aprendi a mímica ao fazê-la, ao ver outros artistas em vídeos, workshops e muita pesquisa em livros. O palhaço foi principalmente quando começamos a trazer formadores internacionais para o trabalho nos hospitais como doutores palhaços.

REF. Já alguma vez pensaste em criar uma escola?

M.M. Sim, tenho sentido este desejo muitas vezes ao longo dos anos. Mas senti a necessidade de ter uma formação mais formal para poder conseguir organizar um curriculum que pudesse satisfazer os desejos e necessidades dos alunos. O que estou a pensar mais seriamente agora é fazer workshops intensivos de um dia, num fim-de-semana ou numa semana intensiva no verão ou férias. O meu sonho ao longo dos anos era ter um grupo de pessoas com expertise em várias disciplinas e trabalhar juntos numa companhia artística onde criamos e apresentamos as nossas próprias peças e animações, realizamos workshops e formações com igrejas e organizações, criamos materiais para poder partilhar com outros e criamos uma rede de apoio mútua e contínua. Apenas, não me sinto capaz de organizar tudo isto sozinho. Estou muito orientado para a tarefa e tenho “tunnel vision”. Seria necessário mais algumas pessoas com capacidade administrativa além do interesse ou capacidade artística.

REF. De entre tantas coisas que fazes, verdadeiramente qual é a tua profissão?

M.M. Eu digo que sou palhaço profissional. Agora, podes perguntar qual é a verdadeira profissão de um palhaço!!! A maior parte do meu tempo actual com a Operação Nariz Vermelho é como Director da Formação Externa. Isto implica principalmente a realização de palestras e workshops relacionando o nosso trabalho nos hospitais como doutores palhaços com o trabalho dos profissionais e estudantes de saúde, empresas e outras organizações. Chamamos ao nosso trabalho “uma brincadeira a sério” e acreditamos que, se funciona no hospital para ajudar a aliviar o stress e a melhorar a comunicação, as relações e o ambiente do trabalho, então, porque é que não poderia funcionar também em outras locais e trabalhos .

REF. Foste o fundador da Operação Nariz Vermelho

Não, a Operação Nariz Vermelho oficialmente foi fundado por três pessoas: Beatriz Quintella, Bárbara Ramos Dias e eu próprio. Entretanto, foi o sonho da Bia e ela tinha realizado toda a preparação prévia ao fazer voluntariado como palhaço e contadora de histórias durante vários anos em três hospitais de Lisboa. Conhecia o trabalho de dois grupos originais em Nova Iorque e no Brasil, nasceu o desejo e foi encorajada para começar um grupo aqui em Portugal. Bia foi a impulsora principal mas fomos os três quem realizou o projecto inicial ao trabalhar um dia por semana nesses três hospitais de Setembro a Dezembro de 2001. Em Junho de 2002 estabelecemos uma associação sem fins lucrativos e a Operação Nariz Vermelho nasceu oficialmente.

REF. O que é que fazem?

M.M. A nossa missão é levar alegria a crianças hospitalizadas, aos seus familiares e profissionais de saúde, através da arte e imagem do Doutor Palhaço, de uma forma regular e com uma equipa de profissionais com formação específica.

REF. Se tivesses o poder de mudar o mundo, o que mudarias?

M.M. Não mudava nada. Se eu mudasse alguma coisa do mundo, violava o que Deus está a permitir que é a vontade livre do homem. Isto seria a maior palhaçada que não teria graça nenhuma. Gostava que muita coisa mudasse no mundo mas reconheço que eu não sou Deus e não tenho nem tão pouco o conhecimento nem a sabedoria que Ele tem. Eu poderia dizer que gostava que todas as pessoas tivessem o conhecimento do amor, da verdade e a graça que se encontra em Jesus. Mas percebo que Deus poderia ter feito isto em vez de enviar Jesus. Ele podia ter criado um anúncio universal com anjos e meios que chegavam a todas as pessoas num instante. Mas Ele não o fez. Ele decidiu usar pessoas. Ele se fez carne e osso e habitou no nosso meio para revelar o Deus antes invisível e não conhecido e a Sua vontade. A Sua vontade é que cada pessoa tivesse a oportunidade de ouvir o Evangelho do Seu amor e salvação em Jesus para que pudesse decidir crer ou não. Ele decidiu usar pessoas como nós, ao manter o nosso livre arbítrio em tacto também, para decidir por amor d’Ele e dos outros, que sejamos a Sua boca, as Suas mãos, os Seus braços, as Suas pernas, para anunciar as boas novas aos outros numa forma pessoal. **FIN**

(continua no próximo número)



NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

Muçulmanos:

os fanáticos, os desiludidos e os transformados

Desde o ressurgimento inicial islâmico de 1979, vários reavivamentos islâmicos prometeram muito, mas pouco cumpriram. Muitos muçulmanos não se sentem apenas perseguidos e desamparados, mas também desiludidos. A quebrar esse contexto surge o evangelho de Jesus Cristo, disponível em idiomas locais em aplicações para dispositivos portáteis, bem como a tradução do Alcorão, que muitos muçulmanos estão a ler na sua própria língua pela primeira vez. Enquanto alguns muçulmanos são radicalizados, outros recuam com o que estão descobrindo agora.

Segundo um líder cristão: "Estamos no meio do maior retorno dos muçulmanos a Cristo em catorze séculos de interação entre muçulmanos e cristãos. Mais de 80% de todos os movimentos muçulmanos para Cristo na história ocorreram nas últimas duas ou três décadas, um período que coincide com o moderno movimento de oração pelos muçulmanos."

Mundialmente o número de batismos de convertidos do islamismo chega aos milhares e um crescente número de novas comunidades de culto está surgindo.

(Liberdade Religiosa)

China intensifica Repressão

Novas leis religiosas estão a ser aplicadas afetando as igrejas oficiais e não oficiais. Muitas igrejas que reúnem em casas familiares foram forçadas a fechar e os programas para crianças/adolescentes não são permitidos. A maior igreja 'familiar' de Pequim (1500 pessoas) foi fechada à força por ter rejeitado uma ordem do governo de instalar câmaras de vigilância - embora esta igreja resista ao encerramento reunindo fora.

Mais de 2000 cruzeiros e torres foram arrancadas dos edifícios das igrejas de Pequim e explodiu pelo menos uma grande igreja. Na província de Henan, dois terços das igrejas fecharam e mais de 7000 cruzeiros foram demolidas. Há relatos de milhares de pastores presos, espancados, torturados ou sentenciados a anos de prisão.

Com o culto à personalidade em torno do presidente Xi Jinping crescendo fortemente e até sendo elogiado como o "Grande Líder" - terminologia não ouvida desde a era Mao, o esforço do governo para controlar o que os cristãos podem fazer, em que podem acreditar, onde podem ir e o que podem dizer, é uma indicação de que o crescimento do cristianismo é visto como uma ameaça ao seu controle sobre a sociedade.

(Christianitytoday / World Watch / FEBC)

Israel alcançado

Um ministério evangelístico entre os judeus, com uma mensagem para confiar em Jesus Cristo, chegou a mais de 200 000 israelitas através da comunicação social. Um programa evangelístico em Jerusalém reduziu em cinco mil conversas com os cidadãos sobre Jesus e em cerca de 200 000 acessos em publicações de órgãos de comunicação social relevantes.

Durante a campanha de quatro semanas, 58 israelitas afirmaram que queriam aceitar Cristo como Salvador e mais de 1700 indicaram que gostariam de saber mais. Ao tratar dos males sociais que assolam Jerusalém, este ministério também está alimentando os pobres, limpando parques e reformando casas - uma demonstração de que Jesus quer curar os quebrantados e necessitados.

(The Christian Post)

Uzbequistão

Os cristãos no Uzbequistão são os mais severamente perseguidos de todos na região da Ásia Central da antiga URSS. Durante a era soviética, o ateísmo era política de estado e a religião foi suprimida, mas o Islão tem-se reafirmado e representa 93% da população. Os ortodoxos russos representam cerca de 4% e os cristãos protestantes, menos de 1%.

Os cristãos de origem muçulmana sofrem mais. Igrejas são infiltradas por espiões, as casas dos crentes são invadidas pela polícia e os cristãos podem perder o seu sustento se a sua fé se tornar conhecida. O governo está tentando melhorar a sua imagem dando uma impressão de tolerância religiosa e maior abertu-

tura, mas na realidade nada mudou. A perseguição não diminuiu e muitos cristãos ficaram desencorajados e fugiram do país.

O lado positivo desta situação é que a primeira Bíblia na língua uzbeque foi lançada em julho passado. Isso foi feito com permissão oficial, embora apenas 3000 cópias pudessem ser distribuídas. Cristãos locais estão a orar por permissão para imprimir e distribuir mais Bíblias.

(Liberdade Religiosa / Fundo Barnabé)

Cristãos da Itália

A população italiana é culturalmente católica, mas cada vez mais cínica sobre a Igreja. O secularismo e o materialismo enredam muitos e o ocultismo tem sido tão difundido, que os italianos estão mais propensos a envolverem-se nas práticas da Nova Era do que a ler a Bíblia.

Embora muitas congregações protestantes sejam pequenas e limitadas, há algumas exceções notáveis. O aumento da imigração trouxe consciência global, como congregações de romenos, africanos, asiáticos e latinos, que têm desafiado as igrejas tradicionais para uma forma mais vibrante do cristianismo. As escolas bíblicas italianas estão a formar uma nova geração para a missão em regiões onde a Itália tem interesse desde longa data, como a Albânia e os Balcãs.

(Operação Mundial)

Dispositivo portátil, movido a energia solar

O "MegaVoice" é um dispositivo eletrónico portátil, alimentado por energia solar, com capacidade para armazenar muitos livros e Bíblias. Está cada vez mais disponível para milhões de pessoas em mais de 160 países. Numa unidade de distribuição na Papua Nova Guiné, centenas de unidades foram vendidas, ou distribuídas de outra forma, e centenas de potenciais compradores fizeram pedidos. O governo da Papua Nova Guiné concedeu isenção alfandegária para uma nova chegada de mil unidades.

(CRMF)

FIM

Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.